



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**CLÁUDIO MANUEL PEREIRA VIEIRA DA SILVA**

**O Crucificado como plenitude do homem**

**Meditação de Antropologia Teológica**

**Dissertação Final**

**sob orientação do Professor Doutor José Carlos Carvalho**

**sob co-orientação do Dr. José Pedro Angélico**

**Porto**

**2013**



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**CLÁUDIO MANUEL PEREIRA VIEIRA DA SILVA**

**O Crucificado como plenitude do homem**

**Meditação de Antropologia Teológica**

**Dissertação Final**

**sob orientação do Professor Doutor José Carlos Carvalho**

**sob co-orientação do Dr. José Pedro Angélico**

**Porto**

**2013**

“É ao contemplá-l’O na Cruz, com o olhar da fé, que se pode «ver» quem é o Cristo Salvador, Aquele que carrega os nossos sofrimentos, o justo que fez da Sua vida um sacrifício para a justificação das multidões (cf. Is 53, 4.10-11). (...) Para responder à nossa pergunta: «Rabbi, onde moras?», Cristo dirige-nos um apelo: vinde ver; na Cruz vós vereis o sinal luminoso da redenção do mundo, a presença amorosa do Deus vivo”.

(XII JMJ – JOÃO PAULO II - PARIS, 24 de Agosto de 1997)

“A Cruz fala-nos do amor supremo de Deus e convida-nos a renovar, hoje, a nossa fé na força deste amor, a crer que em cada situação da nossa vida, da história, do mundo, Deus é capaz de vencer a morte, o pecado, o mal, e dar-nos uma vida nova, ressuscitada. Na morte do Filho de Deus na cruz, há o germen de uma nova esperança de vida, como o grão de trigo que morre no seio da terra”.

(VIA-SACRA – PAPA BENTO XVI- MONTE PALATINO, 22 de Abril de 2011)

“Quando caminhamos sem a Cruz, edificamos sem a Cruz ou confessamos um Cristo sem Cruz, não somos discípulos do Senhor: somos mundanos (...)”.

(HOMILIA – PAPA FRANCISCO – CAPELA SISTINA, ROMA, 14 de Março de 2013)

## SIGLÁRIO

### Sagrada Escritura

Gn – Génesis  
Ex – Êxodo  
1Re – Primeiro Livro dos Reis  
Sl – Salmos  
Jo – Evangelho de S. João  
Lc – Evangelho de S. Lucas  
Mc – Evangelho de S. Marcos  
Mt – Evangelho de S. Mateus  
1Jo – Primeira Carta de João  
1Cor – Primeira Carta S. Paulo aos Coríntios  
2Cor – Segunda Carta aos Coríntios  
Col – Carta aos Colossenses  
Fil – Carta aos Filipenses  
Gal – Carta aos Gálatas  
Heb – Carta aos Hebreus  
Rom – Carta aos Romanos

### Patrística

PG – Patrologiae cursus completus. Series Graeca, editada por J. P. Migne, Paris , 1957ss

### Documentos da Igreja

AG – *Ad Gentes* – Decreto sobre a actividade missionária da Igreja  
GS – *Gaudium et Spes* – Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo

## INTRODUÇÃO

No âmbito da conclusão do curso de Mestrado Integrado de Teologia escolhemos para tema desta dissertação final o tema *O Crucificado como plenitude do Homem*. Com este mote, pretendemos investigar de que modo na pessoa do Crucificado a humanidade pode encontrar o sentido pleno para a sua questão existencial. Tendo em conta que, no seu conjunto, o tema pode abrir, como de certa maneira o faz, um leque de questões que podem ser alvo de reflexão e investigação, pareceu-nos que deveríamos ser muito simples na abordagem, em virtude de se tratar de uma dissertação final de mestrado.

A preocupação centrou-se na questão que inquieta o homem, e de muitas maneiras continua ainda a perturbar, porque também de formas antigas, e através de outras novas e radicais, o ser humano continua a viver uma interrogação sobre o sentido da sua existência. Aqui se encontra a razão primordial para a escolha deste tema.

Na vida concreta dos dias de hoje, somos confrontados com situações que confundem o pensamento humano: a situação económica, política, social e espiritual. Tudo contribui para que se chegue à conclusão de que se não existir um sentido para a vida, parece que estamos num beco sem saída. Não percebemos porque existimos e a nossa morte natural, ou provocada, parece o único escape da problemática em que estamos inseridos e da qual somos também constituintes.

No nosso trabalho pretendemos seguir a linha de pensamento do Concílio Vaticano II que se funda na pessoa de Cristo. Seguimos muito de perto a reflexão de Olegario González de Cardedal na sua reflexão cristológica, pois entendemos que, a partir da sua obra *La gloria del Hombre*<sup>1</sup>, encontramos o autor fundamental que nos há-de guiar nesta reflexão sobre a relação entre Cristologia e Antropologia como resposta possível para a problemática levantada. Para além deste teólogo, recorreremos também a outros autores, que a seu modo nos foram sugerindo valiosos contributos para a justificação da temática que nos ocupa. Esta dissertação não pretende atestar a humanidade nem a divindade de Jesus. Acreditamos, porém, que é na sua condição teândrica que o ser humano pode, com efeito, alcançar o que tanto procura.

Pretendemos, assim, elaborar a seguinte dissertação com base em três capítulos dedicados ao Homem, a Cristo e ao Mistério do Crucificado e da Ressurreição, respectivamente.

---

<sup>1</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *La Glória del Hombre*. Madrid: BAC, 1985.

No primeiro capítulo procuramos abeirar-nos daquilo que, em primeiro lugar, nos permite vislumbrar o que o ser humano pode ser, a partir da distinção das categorias de mistério e enigma. A pergunta central é aquela que entre outras é mencionada também pelo salmo 8: “que é o homem?”. Esta é a sua interrogação primordial e pela qual busca o sentido, a resposta, a garantia de que a sua vida não seja em vão ao contactar com a realidade que o envolve e constitui, com o mundo, com os outros e com a morte. Porém, a reflexão sobre si mesmo não se trata de uma busca automaticamente sua, mas trata-se de uma acção de iniciativa divina que está intrinsecamente relacionada com a realidade da criação. A partir desta, que é objecto de reflexão num terceiro momento deste capítulo, desenvolve-se a reflexão acerca do projecto de Deus para o homem. O Seu projecto identifica-se com o desejo de uma vida na glória, numa vida em plenitude em Jesus Cristo, manifestada e revelada como fundamento do sentido da vida humana.

No segundo capítulo, pretendemos olhar para a vida de Cristo como referência não só da proximidade de Deus mas também como convicção de que Deus não abandona a sua criação e caminha com ela, ajudando-a a alcançar aquela plenitude por que tanto anseia.

O primeiro acto é o da Incarnação. Este é o primordial amor em acto que se exprimiu na história da humanidade porque a inclui na história da salvação. Trata-se da forma como Deus encontrou não só de ser Deus como de o próprio homem conhecer o seu modo de ser homem.

O modo de manifestar o seu ser Deus é-nos revelado pelo anúncio e pelas maravilhas realizadas no concreto das vidas das pessoas com quem Jesus Cristo se encontrava ou acolhia. É o sinal do Reino personificado em Jesus Cristo, porque Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida, ou seja, na sua pessoa, na sua acção e na sua palavra, o homem pode encontrar-se a si mesmo. Jesus revela o homem ao próprio homem nesta sua existência por referência ao Pai para se oferecer como único e verdadeiro sentido para a Humanidade.

Por fim, no terceiro capítulo deste trabalho, procuramos centrar a questão que nos levou a este desenvolvimento, ou seja, tendo como pano de fundo as dificuldades e a condição efémera, frágil e caduca do ser humano, pretendemos meditar, num primeiro momento, sobre o desafio que a Cruz de Cristo nos coloca. Não pretendemos elaborar um tratado, mas permitir que se compreenda nela [na Cruz] o sinal de que Deus se serve para Se revelar, o modo de o homem se encontrar com Ele e assim alcançar a plenitude.

De maneira que a Cruz não pode ser sinal nem possibilidade da redenção humana sem o Crucificado, num segundo momento tratamos de olhar para ela a partir do doce peso que sustenta.

A partir do Maldito entre os malditos (cf. Gal3, 13) reflectiremos qual é o sentido que nos é oferecido mesmo que o homem não tenha que ser crucificado literalmente para obter essa redenção.

Contudo, constatamos que não se pode separar a reflexão da cruz da Ressurreição. Ambas estão interligadas. Nesta mesma linha, procuramos reflectir de que forma o Crucificado é modelo de plenitude para o homem, ou seja, qual é a resposta que o Crucificado Vivente tem para o ser humano como modelo de plenitude.

Para a elaboração deste trabalho começámos com a leitura de várias obras, artigos, bem como textos da própria liturgia, tentando encontrar fundamentação para o tema escolhido. A dificuldade encontrada no trabalho, nesta primeira fase, repousou sobre a conjugação dos dados recolhidos pela leitura.

Depois da selecção de obras e de autores, tentámos construir o esquema da dissertação mais especificamente para não vaguear nas temáticas. O esquema inicial foi sofrendo alterações ao longo da elaboração dos capítulos, visto que, muitas vezes com a leitura e a fundamentação da mesma, já não se enquadrava no primeiro título e tinha-se que encontrar um título mais adequado. Depois de uma leitura geral e das correcções sugeridas pelo orientador, julgámos ser mais acessível a complementaridade entre os vários capítulos.

O nosso trabalho não segue um método do qual se possa dizer regular, ou seja, começando por uma fundamentação bíblica, depois patrística e passando pelos pensadores das várias idades até chegar ao pensamento contemporâneo sobre cada um dos temas de cada capítulo. Seria uma forma mais ordenada e lógica. Contudo, acreditamos, tornar-se-ia um trabalho extenso, dada a diversidade de reflexões que até aos nossos dias se foram operando.

Constatámos, ainda, que a leitura pode parecer repetitiva devido à reiteração de algumas ideias. Estas acontecem, concretamente, quando se pretende justificar a procura de sentido ou a manifestação da plenitude. A repetição de ideias em alguns dos pontos não nos parece fácil de se retirar devido ao facto de que nesses momentos são necessárias tais conclusões.

Seguimos a metodologia segundo o manual<sup>2</sup> escolhido pela faculdade e que foi trabalhado no Seminário Metodológico inserido na unidade curricular do 1º ano e a proposta de orientações para a elaboração de trabalhos escritos na Faculdade de Teologia facultadas pela mesma.

---

<sup>2</sup> AZEVEDO, Carlos A.M.; GONÇALVES DE AZEVEDO, Ana – *Metodologia Científica. Contributos Práticos para a Elaboração de Trabalhos Científicos*. 8ª Edição. Lisboa: UCP, 2006.

## 1. DA QUESTÃO DO SENTIDO COMO INTERPELAÇÃO TRANSCENDENTAL

Ao longo da história, atravessando um percurso em busca da verdade das coisas e sobre si mesmo, o homem sempre procurou uma definição desde a qual pudesse entender a sua frágil condição e muito mais a sua dignidade e vocação <sup>3</sup>. No seu íntimo gera-se um desejo de autoconhecimento e, sobretudo, de procura de um sentido para a sua existência.

Porém, se na verdade procura uma definição, tal significa que não encontra em si a resposta à sua questão existencial, ou seja, nele não se encontra a solução. Por isso, ele vai usar todas as suas dimensões que tem em seu alcance em busca do esclarecimento que procura para o seu problema.

A investigação realizada levou-nos a constatar pelo menos a utilização de dois termos que caracterizam o próprio homem e a sua existência que são as palavras *enigma* e *mistério*.

Neste capítulo, a fim de uma melhor compreensão da temática, decidimos num primeiro ponto clarificar o significado de cada um dos termos e fazer uma leitura do seu significado à problemática existencial do ser humano.

Num segundo momento, depois de nos questionarmos se o homem se constitui como um enigma ou como um mistério e as consequências que advêm dessa caracterização, apresentamos a perspectiva cristã, que identifica essa busca como fruto de uma iniciativa do próprio Deus.

Por fim, reflectimos sobre qual a leitura acerca do homem e da sua condição, à luz do projecto/desejo de Deus que se identifica com a glória a que o homem está chamado a participar.

### 1.1 ENIGMA OU MISTÉRIO?

Relativamente a esta questão, Eudoro de Sousa afirma que se verifica, na linguagem corrente, uma desvirtuação do significado da palavra *mistério*; aliás, este talvez se encontre substituído pelo sentido da palavra *enigma*, uma vez que se utiliza, muitas vezes, a expressão *decifrar o mistério* sem pensar no que as palavras *decifrar* e *mistério* querem dizer na sua

---

<sup>3</sup> Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO II – *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo*, (*Gaudium et Spes*), 12. Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1998.

essência. Por isso, o autor coloca uma questão: “Será então que todo o misterioso se tornou em enigmático no passar das culturas antigas para a moderna?”<sup>4</sup>.

Na sua opinião, o que ocorre é uma substituição da substância. Ele justifica-a dizendo que o *misterioso* se classifica como qualidade de uma determinada realidade, ou seja, esta apresenta-se para o entendimento humano como uma realidade indecifrável. E o *enigmático* é aquela realidade que ainda não está decifrada mas tem a possibilidade de ainda vir a ser.

Enquanto a realidade enigmática tem a possibilidade de ser traduzida na linguagem para uma melhor compreensão, a realidade misteriosa não consegue ser traduzida, e ainda que se tente de muitas formas e maneiras, em linguagem acessível à compreensão humana.

A reflexão litúrgica também se debruçou sobre a palavra mistério para explicar o sentido da noção de sacramento, porque, esta última entrou no léxico teológico como tradução latina do termo grego *mysterion*.

O termo grego tem como origem a Sagrada Escritura, nomeadamente o Novo Testamento. É nesta secção que encontramos grande relevância na teologia paulina. Segundo Ramón Arnau, o Apóstolo identifica este mistério com o projecto de Deus destinado à humanidade que se expressa realmente na pessoa de Cristo<sup>5</sup>.

A conclusão do autor indica que a própria terminologia paulina acerca do termo mistério se identifica como desígnio salvífico em favor do homem. Este é o segredo de Deus que é proclamado para assim possibilitar a abertura à transcendência e com uma intencionalidade soteriológica. Isto porque cada grupo humano e comunidade religiosa se preocupam em “saber e conhecer qual o lugar e o modo a partir dos quais o homem podia pensar, conhecer e relacionar-se com Deus”<sup>6</sup>.

Esta reflexão a partir da Sagrada Escritura foi posteriormente aprofundada pela Teologia dos Padres do Oriente e do Ocidente. Os primeiros usaram a concepção bíblica e, com a Escola de Alexandria adoptaram os termos formados pelo platonismo que traduziam as categorias filosóficas de participação e transcendência. Os padres ocidentais traduziram o termo como *sacramentum* com uma ampla variedade de acepções. Este pretende dizer que se trata de uma realidade através da qual o ser humano recebe o dom, por parte de Deus, para participar da sua vida divina, logo, sinal visível da graça<sup>7</sup>.

---

<sup>4</sup> SOUSA, Eudoro de – *Origem Da Poesia e Da Mitologia*. Lisboa: INCM, 2000. p. 235.

<sup>5</sup> Cf. ARNAU, Ramón – *Tratado General de los Sacramentos*. Madrid: BAC, 1994. p. 40-46.

<sup>6</sup> AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. Lisboa: Paulinas, 2002. p. 13.

<sup>7</sup> Cf. ARNAU, Ramón – *Tratado General de los Sacramentos*. p. 48-81.

O que até aqui se foi dizendo tem origem numa reflexão dos termos com vista à compreensão da liturgia, nomeadamente, os sacramentos. Contudo, e de acordo com o Apóstolo, se o mistério é proclamado para que todo o homem alcance o Transcendente e se este mistério o torna participante da vida em Deus, podemos considerar que o mistério tem algo de possível compreensão ainda que de difícil formulação ou explicação verbal.

Nesta perspectiva, se o homem é um mistério, não se encontra logo à partida afastada qualquer hipótese de uma possível reflexão que nos aproxime do seu verdadeiro sentido existencial.

Jürgen Moltmann afirma o seguinte “quanto mais se eleva o número de respostas possíveis, mais tem a impressão de se encontrar numa sala cheia de espelhos e de máscaras e cada vez mais se torna obscuro aos seus próprios olhos. Assim, o homem é de facto, para o homem, o maior dos mistérios”<sup>8</sup>.

Adolphe Gesché admite que esta necessidade de conhecimento surge da falta de transparência que existe no ser humano. O homem é *enigma* porque reconhece que existe em si algo que não é possível compreender, ou seja, o enigma faz parte da sua vida<sup>9</sup>.

Tanto para Jürgen Moltmann como para Adolphe Gesché, os termos *enigma* e *mistério* identificam-se, ou seja, referem-se à mesma realidade. Portanto, para não criar qualquer confusão terminológica decidimos optar por um só termo. Fundamentando-o na linha da reflexão paulina, consideramos que se é possível proclamar o Mistério de Deus para o homem entrar no seu projecto, também é possível falar do ser humano como mistério e este procurar compreender-se, no sentido de se aproximar o máximo possível da resposta que necessita e, assim, viver a sua condição orientada com significatividade.

Segundo Adolphe Gesché, o “enigma que reside em nós não é uma desgraça. (...) Para ser homem, todo o ser humano deverá aprender cada vez mais conviver com o enigma. Este não pode ser abolido”<sup>10</sup>.

Deste ponto de vista, podemos afirmar que esta busca do ser humano sobre si faz parte do seu próprio ser, não invalidando a permanência da interrogação. Ora ele apercebe-se disto quando se deixa viver tranquilamente e se confronta com situações do seu dia-a-dia, particularmente quando é confrontado com diferenças entre si e o ambiente que o rodeia.

---

<sup>8</sup> MOLTSMANN, Jürgen – *O Homem mistério a desvendar*. Lisboa: Edições Paulistas, 1976. p. 10.

<sup>9</sup> Cf. GESCHÉ, Adolphe – *El Hombre*. 2ª edição. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010. p. 13.

<sup>10</sup> Cf. GESCHÉ, Adolphe – *El Hombre*. p. 22.

“Quando contemplo os céus, obra das tuas mãos, a Lua e as estrelas que Tu criaste: que é o homem para te lembrares dele, o filho do homem para com ele te preocupares? Quase fizeste dele um ser divino; de glória e de honra o coroaste” (Sl 8).

“Senhor, que é o homem, para cuidares dele, e o filho do homem, para nele pensares? O homem é semelhante ao sopro da brisa; os seus dias passam como uma sombra” (Sl 144).

Expressão disto é cantada pelo salmista nos salmos 8 e 144. A partir da constatação dos salmos podemos atestar que o homem procura um equilíbrio para que possa encarnar a sua vida.

O homem não quer permanecer numa constante interrogação, nem fixar-se com o que recebe do tempo e da sociedade. Dá-se uma consciencialização de que é um mistério, reconhece a inquietação que está aberta a uma realização futura, na história de cada tempo e que permite a sua permanência no tempo. Sente-se provocado pela ciência, pela afectividade, pela arte, pela religião, pela técnica, pela vida social, pela família, pelos outros, pelo mundo, pela natureza e pela acção, como factores e mediações que interferem na vida e na relação com a sua identidade, mas que não são suficientes para expressar o que ele é realmente <sup>11</sup>.

Conhecemos a expressão *Conhece-te a ti mesmo*, que se encontra gravada no templo de Delfos e, como ela, são muitas as expressões ou perguntas que traduzem aquele que se veio a tornar como problema antropológico em forma de questão: *Quem sou? Donde venho e para onde vou? Que é o homem? Qual o sentido da vida?* Segundo Jürgen Moltmann, “estas questões são tão antigas como o próprio homem” <sup>12</sup>. Ele ao debruçar-se sobre si mesmo, surpreende-se tanto nas experiências mais vulgares como nas suas alegrias e tristezas, e, ainda, na escuta da sua consciência.

Juan Ambrosio reconhece dois caminhos que o homem pode percorrer para alcançar esse conhecimento. Ele pode ter como base as suas próprias forças ou realizar a experiência de um Deus que se dá a conhecer a si mesmo como alguém que quer entrar em diálogo e comunhão <sup>13</sup>. Deste modo, o homem não só tem a possibilidade de conhecer a Deus como de poder conhecer-se a si próprio.

O autor afirma que uma das amarguras do homem se identifica com a dificuldade que este tem em estabelecer um diálogo com o mundo, com os outros, consigo mesmo e com Deus.

---

<sup>11</sup> Cf. GESCHÉ, Adolphe – *El Hombre*. p. 17.

<sup>12</sup> MOLTSMANN, Jürgen – *O Homem mistério a desvendar*. p. 9.

<sup>13</sup> Cf. AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 13.

Segundo Juan Alfaro, o ser humano experimenta-se na sua identidade pessoal como chamado a ser mais, mediante a experiência vivida, fundamentalmente em três dimensões da sua vida: na experiência com *o mundo* porque ele é a realidade em que vive e a sua existência implica uma relação entre ambos; nas *relações interpessoais* porque não está sozinho neste mundo em que está inserido e tem tendência para a relação, e por fim, com *a morte*, dando-se conta de que não existirá para sempre <sup>14</sup>.

O Homem entra em interacção com o que o rodeia e descobre uma diferença entre ele e este universo que partilha com os outros; logo, não é somente o questionador mas o objecto da questão porque faz parte desta realidade em que está inserido. O perguntar sobre si mesmo é uma interpelação feita à própria liberdade interpelada. É chamado a ser mais, apesar de nunca o ser plenamente, e a confrontar-se com a questão do sentido, perante a qual se sente incapaz de superar.

O autor afirma que na sua inesgotável aspiração de realização nunca deixa de experimentar as limitações da sua própria existência, com a contingência da vida humana, com a certeza de que o homem começa a morrer logo que nasce. A questão do sentido último da vida provém da questão fundamental do sentido da própria vida, de modo que as decisões e as acções humanas são afectadas pela questão. Esta transporta a aceitação das exigências da sua própria existência, implicando a totalidade da vida do ser humano <sup>15</sup>.

No universo biológico, Jürgen Moltmann reflecte sobre o homem tendo como figura de comparação o animal <sup>16</sup>. Os animais são dotados de instinto, capacitados para reagir e se guiarem em segurança porque vivem num meio específico. Desta forma o autor conclui desde logo que o homem, no seu contacto com o mundo, encontra neste patamar uma primeira limitação: reconhece que carece dessas regras de vida, ou seja, não tendo um meio determinado nem um instinto, deseja no entanto conhecer-se. Vive numa busca contínua da sua humanidade e do seu segredo, procurando uma atitude conveniente através da construção do seu próprio ambiente, pela linguagem e pela cultura; em suma, inicia uma aprendizagem dos seus próprios comportamentos para que, equilibrando os instintos e a disciplina social, se construa a civilização.

Cada ser humano fica fascinado quando olha para a realidade que o envolve e reconhece-se como nada. Trata-se de um sentimento de admiração perante a constatação do que é perante tão grandioso espectáculo.

---

<sup>14</sup> Cf. ALFARO, Juan – *De la cuestión del Hombre a la cuestión de Dios*. 4ª edição. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2002. p. 13-15.

<sup>15</sup> Cf. ALFARO, Juan – *De la cuestión del Hombre a la cuestión de Dios*. p. 17-20.

<sup>16</sup> Cf. MOLTSMANN, Jürgen – *O Homem mistério a desvendar*. p. 14-16.

O crente consegue poeticamente expressá-lo, rezando: “quando contemplo os céus, obra das vossas mãos, a lua e as estrelas que lá colocaste: que é o homem para te lembrares dele, o filho do homem para com ele te preocupares?” (Sl8). É no choque com a realidade em que o ser humano está inserido também permite, muitas vezes, sentir o peso da frustração e da desilusão.

O mundo é o espaço onde está a sua origem, bem como onde se encontra a base de realização da sua actividade e, por isso, insubstituível não só porque dele depende para as suas necessidades de sobrevivência como nele realiza as suas actividades específicas no acto de conhecer, agir, decidir e esperar.

Juan Alfaro afirma que se trata de uma experiência de mundanidade que o interroga sobre o porquê do mundo para si mesmo <sup>17</sup>. O mundo apresenta uma diversidade de aspectos, é uma só realidade mas constituída por vários elementos em interacção consigo mesmo e com aqueles que nele habitam. E esta diversidade própria do mundo permite e exige que o homem viva também de forma diversa.

Muitas vezes, mediante o conhecimento que vai adquirindo sobre a realidade, também se vai descobrindo como uma realidade diversa através da liberdade consciente que possui de actuar no mundo. Não se trata apenas da sua capacidade de produção pelo trabalho para transformar as coisas. Traduz-se também na curiosidade por descobrir o mistério que é o próprio mundo, que vai sendo desvendado pelo progresso humano, trazendo consigo o reconhecimento das próprias capacidades humanas.

Como lhe foi dada a possibilidade de existir e esta aparece condicionada por circunstâncias históricas ou naturais, apesar do progresso e da diversidade que permite uma realização pessoal, e apesar das suas capacidades que o identificam como criador e criatura, o homem atinge o limite, uma situação que o coloca em contacto com a sua fragilidade e contingência porque, quando parecia que tudo tinha explicação e se desenvolvia sem problemas, acaba sempre por encontrar um muro que o impede de avançar sozinho.

Segundo Juan Alfaro, a acção do ser humano não está predeterminada. A experiência da sua liberdade é a própria experiência da sua existência, porque é chamado a dar sentido à sua vida pelo dom da liberdade que responsabiliza os seus actos, na medida em que se trata de uma liberdade responsável quando se trata da dignidade pessoal dos outros.

---

<sup>17</sup> Cf. ALFARO, Juan – *De la cuestión del Hombre a la cuestión de Dios*. p. 201.

O mundo é para o homem espaço para a realização da sua liberdade, é lugar onde se sente radicalmente questionado e interpelado na sua interioridade que o compromete com os outros membros da sua comunidade.

Como o mundo não é lugar exclusivo de um só homem, porque habitado e partilhado com outros, a questão antropológica é respondida pela relação do ser humano na sua relação com o mundo. Assim sendo, deve-se ponderar a sua relação com os outros, isto é, tentar perceber o homem na vertente das suas relações interpessoais.

“Mas Deus não criou o homem só: na verdade, desde o princípio, criou-os homem e mulher (Cf. Gn1, 27), cuja união constitui a primeira expressão da comunhão de pessoas. O homem é, com efeito, por exigência profunda da sua natureza, um ser social e não pode viver nem desenvolver as suas qualidades sem relações com os outros”<sup>18</sup>.

Segundo Jürgen Moltmann, o encontro com homens de outras famílias, tribos e povos provoca a valorização do sentido de humanidade<sup>19</sup>. A exigência dada pelo próprio a si mesmo procura responder à natureza e, a partir da cultura, as civilizações tentam o caminho que conduz à humanidade mais humana. Todavia, por mais diversas que sejam tais exigências e todas as formas históricas de realização humana, ele dá-se conta da sua efemeridade, em virtude da procura constante do aperfeiçoamento. Nesta imperfeição biológica, que o ameaça, é atingido nas fronteiras da antropologia cultural. Isto porque, o “mundo mediatiza as relações interpessoais e estas, por sua vez, interferem na relação de todo homem ao mundo”<sup>20</sup>.

As relações interpessoais, segundo Juan Alfaro, interferem na relação do Homem com o mundo porque, como membro desta comunidade, o objectivo da sua relação está patente na acessibilidade e disponibilidade para os outros.

Para uma melhor compreensão, podemos colocar o exemplo da atitude do homem na sua relação com as coisas e com os objectos. Estabelece com estes uma relação de subordinação para atingir a sua satisfação, logo, tal diferencia-se e deve diferenciar-se das relações interpessoais de modo que nelas não se encontra limites à realização e compreensão do ser do ser humano. Elas tornam-se, assim, espaço de realização da humanidade que valoriza o que é autenticamente humano.

Esta busca do sentido da existência é identificada, por Juan Ambrosio, como a procura pela plenitude do ser humano, de tal modo que a plenitude que o homem tanto anseia não é exclusivo das suas forças mas trata-se de uma descoberta que se faz “no encontro com os

---

<sup>18</sup> *Gaudium et Spes*, 12.

<sup>19</sup> Cf. MOLTSMANN, Jürgen – *O Homem mistério a desvendar*. p. 18-24.

<sup>20</sup> ALFARO, Juan – *De la cuestión del Hombre a la cuestión de Dios*. p. 219.

outros e, em última instância, no encontro com o Outro, do qual brota e no qual se fundamenta o seu ser”<sup>21</sup>. A plena realização não provém de uma vontade exclusiva porque passaria assim a uma mera conquista. Segundo González de Cardedal,

“enquanto o homem continuar a definir-se como ser pessoal, e a pessoa como relação inteligente e dilectiva, a plenitude humana de cada homem é resultante da conjugação da liberdade e amor respondendo e correspondendo à liberdade e ao ser de Outro maior que nos sai ao encontro e, chamando-nos pelo nosso nome nos desperta para as nossas possibilidades e necessidades radicais”<sup>22</sup>.

O homem descobre-se como dom que se expressa no amor que o salva e o conduz à plenitude. Segundo a reflexão cristã, este amor identifica-se com a Graça e esta provém de Deus quando se encontra com o homem num registo de comunhão. Se o homem confiasse apenas nas suas capacidades era incapaz de alcançar o que tanto anseia, de modo que seria conduzido à amargura. Esta angústia torna-se mais evidente quando a morte se torna realidade iniludível.

“É em face da morte que o enigma da condição humana atinge o seu auge. O homem não é só torturado pela dor e pela progressiva dissolução do corpo, mas também e ainda mais, pelo temor da destruição definitiva. (...) Todos os esforços da técnica, por mais úteis que sejam, não conseguem acalmar a sua ansiedade: é que o prolongamento da vida que a biologia procura não pode satisfazer o desejo duma vida ulterior, invencivelmente fixado no seu coração”<sup>23</sup>.

A morte é uma das questões decisivas para a compreensão da vida humana. Na sua singularidade e verdade, o homem olha para a morte como um ponto culminante e decisivo da sua vida. Com o avanço da tecnologia e com o progresso da saúde, a humanidade tomou consciência de que não só aumentou a sua longevidade mas que a sua morte se iniciou no primeiro momento da existência, ou seja, “a vida é portadora da morte já desde o começo”<sup>24</sup>.

Vivemos afinal em tendência para a morte de modo que ela se inscreve numa curva vital que se manifesta de uma forma trágica, como uma força que arrebatava completamente e sem hesitações a própria vida humana.

---

<sup>21</sup> AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 17.

<sup>22</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Jesus de Nazaret*. 3ª ed. Madrid: BAC, 1993. p. 32.

<sup>23</sup> *Gaudium et Spes*, 18.

<sup>24</sup> RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis – *El Hombre y su Muerte*. Ediciones Aldecoa, 1971. p. 140.

Perante a visível potência da morte, o homem depara-se com a sua própria impotência, com a sua fragilidade. E cada vez que olha para o que é, confronta-se com o mistério. Reconhecendo que vive na caducidade e na contingência, o ser humano não deve olhar para a temporalidade de outra forma senão como o espaço para viver uma vida que se apresenta dramaticamente irrepitível <sup>25</sup>.

Como afirma Ruiz de la Peña, “na morte se fixa irrevogavelmente o destino eterno da pessoa, quem atravessa este umbral adquire a sua fisionomia última e irreversível” <sup>26</sup>. Sendo a morte caracterizada como o fim de uma peregrinação, torna-se manifestação da grandeza do homem como passagem da morada deste exílio terrestre e possibilidade para entrar na habitação eterna.

A morte é uma passagem, fruto da liberdade da natureza, ou seja, trata-se de uma liberdade que vê arrancar a própria vida do tempo, abrindo, contudo, a possibilidade para um espaço de realização de um acto de amor e um lugar de encontro. Queremos dizer com isto que mesmo a vida arrancada ao ser humano pela sua própria condição não só pode ser considerada uma desgraça e uma perda eterna como também é lugar primordial para a manifestação do amor que se tinha pelo ente querido e que se revela nas lágrimas, no luto, na presença e apoio entre todos os que estão ligados a este acontecimento. A morte não é apenas realidade de perdas. É, sobretudo, lugar de encontros e reencontros, seja do próprio ser humano com a verdade da sua condição, seja como lugar para a manifestação do amor entre as pessoas, entre elas e delas para outros, porque, a partir da morte, foram despertadas para olhar os outros como semelhantes.

O ser humano tem uma referência constante a um passado, a vivência exigente de um presente e a abertura ao desafio de um futuro que, segundo González de Cardedal, quer fundamentalmente dizer o seguinte:

“o homem é verdadeiramente homem por aquilo que é e por aquilo que pode chegar a ser; pelo facto de existir e pela penetração que, mediante o conhecimento, o amor e a acção, pode realizar na sua existência; pelo que possui no presente e pela sua capacidade para estender-se, na memória, em direcção ao passado e na esperança em direcção ao futuro; pelo que é desde a sua consistência e possessão e, sobretudo, pelo que pode chegar a ser a partir da relação com os outros e a partir do alargamento que deles pode receber” <sup>27</sup>.

---

<sup>25</sup> Cf. ALFARO, Juan – *De la cuestión del Hombre a la cuestión de Dios*. p. 247.

<sup>26</sup> RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis – *El Hombre y su Muerte*. p. 19.

<sup>27</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *La Glória del Hombre*. p. 3.

Como reflectimos até ao momento, a existência humana está marcada pela sua capacidade de conhecer, agir e tomar consciência que é dotada para se realizar por si mesmo e, pela relação com os outros, o seu ser enriquece-se na medida em que experimenta a capacidade de receber e de dar. Isto leva-nos a considerar o ser humano como um ser de horizontes, ou seja, um ser de esperança.

A sua interrogação permite tomar consciência de que é chamado a ser mais como impulso que abre a possibilidade para a sua realização segundo a sua condição. Mas não deixa de encontrar em si fronteiras ou limites<sup>28</sup>. Trata-se, então, de uma intuição que lhe fala de eternidade ou plenitude, a qual, no confronto com tudo o que o rodeia, se constitui como “um desafio a que o homem não pode fugir”<sup>29</sup>.

A sua vida mostra a capacidade de produzir, mas também a realidade da fragilidade da sua própria condição que o faz considerar que vive em tendência para o nada, como vimos no seu confronto com a realidade da morte.

Para superar tal ameaça, ele possui uma atitude que o possibilita para ultrapassar a finitude, a mortalidade e a pobreza, que constituem partes integrantes da sua própria história: a esperança. E esta é viva numa dupla dimensão, segundo a perspectiva de González de Cardedal, na medida em que, o ser humano vive “o futuro absoluto, inconstruível, indomável, que de todo nos escapa naquilo que mais nos afecta, porque determina o nosso destino; e, por outro lado, aqueles futuros parciais, deduzíveis em parte do nosso presente e passado, asseguráveis, programáveis à nossa medida”<sup>30</sup>.

O autor identifica estes futuros ou esperanças parciais como realidades concretas controláveis pela própria sociedade e pelo próprio indivíduo.

O grande desejo do homem suscita-lhe, então, a incapacidade de alcançar, por fruto das suas mãos [as tais esperanças parciais], a garantia que necessita para viver. A esperança a que o autor se refere é a Esperança Absoluta que se revela como o próprio Mistério de Deus e que se constitui fundamento da sua própria existência<sup>31</sup>. O mesmo autor refere ainda que, perante os desafios encontrados pelo ser humano, este pode optar por três atitudes concretas: instalar-se na finitude, desespero e revolta, ou sentir-se chamado a encontrar uma luz para as suas dúvidas. Todas estas hipóteses merecem uma reflexão, mas podemos já concluir que as duas primeiras conduzem o homem ou a um comodismo e relaxamento ou a uma atitude que o perturba sem conseguir dar-lhe qualquer solução.

---

<sup>28</sup> Cf. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Jesus de Nazaret*. p. 10-11.

<sup>29</sup> AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 41.

<sup>30</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *La Gloria del Hombre*. p. 275.

<sup>31</sup> Cf. AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 44.

Deste modo, a terceira constitui uma possibilidade que abre caminho para a reflexão e para a descoberta de horizontes novos em favor da sua existência. Os seus limites não são totalmente factores negativos, mas permitem antes reconhecer que o ser humano é um ser de possibilidades que o conduzem à verdadeira humanidade a partir da Esperança Absoluta,

“pela qual deve sentir-se agraciado por Alguém, que pode ultrapassar a sua impotência e elevá-la a outra ordem de possibilidades, que por si mesmo nunca teria suspeitado teoricamente, nunca teria podido alcançar na prática, na lúcida consciência de que receber de outro é tão belo como produzir por si mesmo”<sup>32</sup>.

Esta Esperança afirma-se como o próprio Deus que reflecte na finitude humana pela sua infinita grandeza e está plenamente radicada em Jesus Cristo. Ele é a Esperança Incarnada que realiza radicalmente esta vinda de Deus ao homem e revela que é chamado a viver a sua grandeza a partir do próprio mistério de Deus<sup>33</sup>.

“Uma liberdade finita só pode ser consumada por um Amor infinito, porque só este é radicalmente gratuito, incondicionalmente confirmador e generoso. E, sobretudo, só ele é vencedor da morte, que é o grande desafio que sofre a finitude, e que nos torna impossível, no mundo, a vivência e o amor definitivamente. (...) Só é o Amor originário que pode ser fundamento e consumação da nossa liberdade e, por isso, iniciador, já aqui, da nossa felicidade”<sup>34</sup>.

Nesta perspectiva, se o fundamento da existência é Deus, a vida humana está enraizada nesta esperança que se revela no amor. Contudo, exige-se do homem a atitude da fé como orientação para alcançar o seu sentido, ou seja, trata-se de uma atitude que surge como

“uma luz que encontramos acesa, que podemos apagar se quisermos e cuja chama podemos aumentar acrescentando mais pavio ou mais cera à vela acesa, mas nunca teríamos sido capazes de acender pela primeira vez, e que uma vez apagada não temos poder próprio para devolver-lhe a chama”<sup>35</sup>.

---

<sup>32</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *La Glória del Hombre*. p. 11.

<sup>33</sup> Cf. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *La Glória del Hombre*. p. 276-277.

<sup>34</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *La Glória del Hombre*. p. 382-383.

<sup>35</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *La Glória del Hombre*. p. 199.

Além da esperança, o homem encontra como possibilidade de receber o dom da fé, de modo que, livre e naturalmente possa aderir ao chamamento de Deus e entender o sentido da sua vocação. Esta adesão tem em última instância o objectivo central de que o ser humano alcance a plenitude <sup>36</sup>. Trata-se de uma vinculação de modo a “descobrir o Deus vivo como a mais suprema realidade da vida humana, a quem o homem pode e deve abrir-se e em quem pode encontrar-se a si mesmo e compreender o sentido último de todo o existir” <sup>37</sup>.

Toda a reflexão até aqui desenvolvida demonstrou sempre uma referência a Deus. Os próprios salmos reconhecem que este é, por excelência, a chave de interpretação para o mistério do homem. Como nas definições dos termos acima tratados, referíamos que estes caracterizavam um desígnio salvífico. Não podíamos deixar de referir que tal revelação do mistério de Deus teve o seu cume em Jesus Cristo. Ele oferece-nos a revelação do encontro entre Deus e o homem, entre a sua existência numa íntima comunhão com o Pai que fundamenta o sentido da Sua vida.

Em Jesus Cristo, e através do contacto com toda a sua existência, somos convidados a contemplar como, na sua relação de verdadeira comunhão, se revela o verdadeiro encontro de Deus com o homem mas também do homem com o próprio homem, porque n’Ele podem-se descobrir os limites reais e as profundas necessidades e possibilidades, mas também os verdadeiros horizontes e atitudes existenciais. Segundo González de Cardedal, Jesus Cristo é “o paradigma do encontro enquanto que nele converge o duplo movimento revelador de Deus e acolhedor do Homem” <sup>38</sup>. Como tal, é a condição para o homem encontrar o seu próprio mistério, na medida em que descobre os seus limites reais e as suas possibilidades e horizontes. Jesus Cristo potencia o ser humano porque o conduz à sua plenitude, como afirma o mesmo autor, dizendo que o homem, para chegar ao eterno, tem necessidade de olhar para a temporalidade, de modo que, para penetrar no seu próprio mistério, necessita de partilhar a intimidade com um próximo <sup>39</sup>.

---

<sup>36</sup> Cf. AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 60.

<sup>37</sup> AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 66.

<sup>38</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Jesus de Nazaret*. p. 34.

<sup>39</sup> Cf. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Jesus de Nazaret*. p. 333.

## 1.2 INICIATIVA DIVINA

O ser humano reconhece que a interrogação que o perturba o conduz à certeza de que por si só não chega a lado nenhum. Encontramos assim a opção pelo segundo caminho que Juan Ambrosio põe à consideração, afirmando o encontro com Deus como possibilidade de uma experiência possível de se realizar na própria existência humana. E esta mesma experiência conduz à constatação de que então a vida se identifica com um caminho que não é de sua iniciativa, mas do próprio Deus que o chama a ser protagonista do seu desígnio.

Na perspectiva bíblica, o conhecimento e o encontro são meios que possibilitam a narração de um acontecimento real e histórico. Deus vem ao encontro do homem constituindo-se numa “história da perseguição dos homens por parte de Deus; não é um *itinerarium mentis in Deum*, mas um *itinerarium Dei inter homines*, é mais a narração das vindas do Verbo aos homens que do caminhar dos homens ao seu encontro”<sup>40</sup>.

Como exemplo tomamos o modelo que González de Cardedal optou: Abraão.

“O Senhor disse a Abrão: «Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar. Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei, engrandecerei o teu nome e serás uma fonte de bênçãos. Abençoarei aqueles que te abençoarem, e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem.

E todas as famílias da Terra serão em ti abençoadas.» Abrão partiu, como o Senhor lhe dissera, levando consigo Lot. Quando saiu de Haran, Abrão tinha setenta e cinco anos. Tomou Sarai, sua mulher, e Lot, filho do seu irmão, assim como todos os bens que possuíam e os escravos que tinham adquirido em Haran, e partiram todos para a terra de Canaã, e chegaram à terra de Canaã. Abrão percorreu-a até ao lugar de Siquém, até aos Carvalhos de Moré. Os cananeus viviam, então, naquela terra. O Senhor apareceu a Abrão e disse-lhe: «Darei esta terra à tua descendência.» E Abrão construiu ali um altar ao Senhor, que lhe tinha aparecido. Deixando esta região, prosseguiu até ao monte situado ao oriente de Betel, e montou ali as suas tendas, ficando Betel ao ocidente e Ai ao oriente. Construiu também um altar ao Senhor e invocou o seu nome. Abrão continuou a sua viagem, acampando aqui e ali, em direcção ao Négueb. “ (Gn12, 1-9).

Abraão deixa a segurança e o conforto em que vivia. A causa desta partida está em Alguém, não totalmente conhecido.

---

<sup>40</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Jesus de Nazaret*. p. 65.

Deus sai ao seu encontro, chama-o e propõe um projecto que implica uma continuidade num encontro que permitirá que ele O conheça e se conheça cada vez melhor, pela missão a si destinada:

“Abraão é o homem a quem Deus encontra e que, por isso, encontra Deus; que acreditou na sua palavra e que, por isso, tem, após uma longa provação, fecundidade humana; que não conquista uma terra, mas recebe em promessa uma terra. Por isso é o pai dos crentes e o grande paradigma de todos os conhecedores e amigos de Deus”<sup>41</sup>.

A experiência do encontro entre Deus e Abraão permite o reconhecimento da plenitude que é destinada ao homem, ou seja, Deus faz uma promessa que conduz Abraão a uma vida cheia de plenitude. Ele é escolhido para viver, em todas as dimensões da vida, o projecto de felicidade e de amor. Não se trata de um projecto utópico porque manifestado em Abraão e revelado plenamente em Jesus Cristo:

“Ele constitui a concentração pessoal de todo o projecto de Deus para a humanidade. Projecto que começa com a própria obra da criação (...) e se concretiza na presença de Deus, como homem, no meio dos homens. Nesse Deus humanado, homem e Deus encontram-se e tocam-se acontecendo a plenitude da história”<sup>42</sup>.

O homem, criado à sua imagem e semelhança, é chamado a concretizar na sua vida esta experiência com Deus, na qual, ambos se tocam e se encontram, fazendo acontecer a plenitude de toda a história. O Deus humanado entra na história realizando assim a plenitude dos tempos, a plenitude do projecto de Deus que é a condução do homem à sua própria plenitude. Apesar da iniciativa ser divina, González de Cardedal admite que também aqui se encontre implicação da vontade do homem; caso contrário, seria um atentado à sua liberdade e dignidade<sup>43</sup>.

Este impulso divino é ao mesmo tempo esperança do próprio Deus em encontrar o próprio homem para estabelecer com ela uma vida em comunhão que é na verdade o que corresponde à sua procura existencial<sup>44</sup>.

---

<sup>41</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Jesus de Nazaret*. p. 65-66.

<sup>42</sup> AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 25.

<sup>43</sup> Cf. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Jesus de Nazaret*. p. 69.

<sup>44</sup> Cf. AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 27-28.

Deste modo, é impossível tentar acusar esta experiência do encontro como uma manipulação por parte de Deus; trata-se, com efeito, de um projecto que tem como fundamento o amor.

Segundo González de Cardedal, o sentido da vida do homem desde de Deus é um prolongamento que Ele faz da sua própria vida para levar o homem mais além de si mesmo. Assim como o ser humano surge do amor, ele é criado para comunicar esse amor como ser pessoal que é na sua totalidade. O mesmo é dizer como reflexo do amor originante que “na sua germinal plenitude deixa transparecer a plenitude originante de quem o fez surgir (...) como sua imagem vivente”<sup>45</sup>. Portanto, o homem é destinado a Deus através do assumir da sua liberdade e pessoalidade e que se torna condição indispensável para uma verdadeira humanização, a fim de alcançar o sentido pleno da sua vida.

Se esta busca do homem pelo sentido da sua existência era muitas vezes provocada pela sua relação com a realidade, podemos afirmar que o ser humano, contemplando a história concreta que abarca o seu viver, o leva a perceber que Deus se revela próximo de si. Esta proximidade manifesta-se nas suas vicissitudes. Não basta um processo especulativo, mas é necessário o reconhecimento de que esta busca de sentido é da própria intenção divina que entra na história da humanidade.

“só sendo homem pode Deus em verdade última encontrar o homem, e só sendo de alguma maneira divinizados nós podemos encontrar a Deus. Por isso poderíamos definir a Cristo como aquela possibilidade criada por Deus para ser Ele mesmo homem oferecido ao homem para que este possa ser como Deus”<sup>46</sup>.

Na perspectiva de González de Cardedal, Jesus Cristo é a concretização dessa esperança que o ser humano sente necessidade de procurar. Deste modo, o conhecimento verdadeiro sobre si mesmo só é alcançado quando for capaz de ouvir, conhecer e viver com o próprio Deus.

O homem coloca-se em questão e Deus responde-lhe por Jesus Cristo, em quem, a realidade da Criação e da Redenção se ligam profundamente. Trata-se de uma pedagogia divina, pela qual Jesus Cristo assume o que há de mais profundo no homem: as suas esperanças e os seus limites.

---

<sup>45</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Jesus de Nazaret*. p. 58

<sup>46</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario. – *Jesus de Nazaret*. p. 74.

A Criação é obra de Deus. É como um conjunto de estrofes que se harmonizam num só caminho proposto para o homem, um caminho que o homem encontra neste contacto com a realidade que o envolve e com a escuta interior do seu desejo de identidade. A proposta é ouvida pelo homem: a necessidade de que nasça do alto, que renasça d'Aquele que lhe deu vida e lhe dá sentido. Deus criou o homem para ser um ser para a felicidade, isto porque a lógica de Deus é uma lógica de felicidade <sup>47</sup>.

Segundo o Papa Bento XVI, a semelhança divina constitui uma verdade revelada importante sobre o homem no sentido de afirmá-la como uma determinação estrutural na qual coincidem as ideias de criação e aliança e, por conseguinte, a ideia de plenitude do homem. Na expressão *imagem e semelhança*, não só se admite uma distinção entre Deus e o homem como uma semelhança, ou seja, admite-se a transcendência e a imanência de Deus na existência humana <sup>48</sup>.

Para o Cristianismo, esta finitude não é vista a partir de um pessimismo frustrante, mas fundamenta-se antes na realidade de que o homem, criado à imagem e semelhança de Deus através da sua *miséria*, pode descobrir a sua vocação para a plenitude <sup>49</sup>. Uma vocação para a vida mediante alguém que se deixa desejar e amar e que vive em referência ao Mistério como realidade que se vive como plenitude e a partir do qual se confere sentido à vida.

O que nos leva directamente ao coração do cristianismo e directamente ao coração da Humanidade é que o homem é criado para viver e ser feliz. A sua vida e a sua felicidade são a glória de Deus, como nos diz Santo Ireneu: “Gloria enim Dei vivens homo: vita autem hominis visio Dei” <sup>50</sup> que significa *a glória de Deus é o homem vivo e a vida do homem é a visão de Deus*. E se o homem quer conhecer-se verdadeiramente para além de discernir a sua origem e os seus desejos, deve descobrir esta vocação de chamado à felicidade, a uma vida de glória e na glória, como fruto da relação com Deus.

Na economia da graça, Jesus Cristo é o administrador em favor dos homens, não só porque mostra Deus aos homens mas porque mostra o homem a Deus e o homem ao próprio homem. Pode-se mostrar e representar o que foi reflectido até aqui, encontra-se no episódio de Jesus com a samaritana (cf. Jo4, 1-42).

---

<sup>47</sup> Cf. GESCHÉ, Adolphe – *El Hombre*. p. 137-164.

<sup>48</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 2005-2013 (Bento XVI) – *Audiência Geral*. Roma (6 de Fevereiro). [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/audiences/2013/documents.8-02-2013.12:55](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2013/documents.8-02-2013.12:55).

<sup>49</sup> Cf. AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 62.

<sup>50</sup> SANCTI IRINAEI – *Contra Haereses: lib. IV*. In PG 7. col. 1037.

O início do diálogo, com o pedido "dá-me de beber" é o início do percurso que o próprio Deus realiza com cada ser humano que vem ao poço procurar saciar-se. Afinal, a sede que o cansaço provocou nesta caminhada ao encontro do homem passou para o próprio homem que não encontra água que o sacie.

O homem de ontem, de hoje e de sempre é esta samaritana que percorre sempre o mesmo caminho à busca de si e de Deus. E é o próprio Deus que, por sua iniciativa, lhe concede a vontade de querer para si a água que o revela plenamente.

O dom que Jesus concede, a Água viva que Ele tem para lhe dar traduz-se na possibilidade de o ser humano se encontrar a si próprio, a sua verdade e o sentido da sua existência. Tal só pode ser possível compreender-se quando se conhecer Aquele que se pretende adorar. Logo, para o homem conhecer o seu sentido terá de conhecer Aquele que o revela, terá de conhecer o Salvador que, de muitos modos, se apresenta diante dele e procura que este alcance a plenitude, que seja fonte de uma Água que nunca se esgota, que alcance a plenitude.

### 1.3 A GLÓRIA DO HOMEM

Poderemos interrogar-nos sobre de que *glória* ou *plenitude* estamos a falar. Com efeito, o II Concílio do Vaticano afirma que toda a realidade está ordenada para o homem <sup>51</sup>, portanto, trata-se de afirmar que a glória do homem se funda na glória de Deus. E esta, que é experimentada pelo homem como dom, realiza-se no encontro com a Criação.

No seu desígnio de amor e de salvação, Ele criou o homem que só se realiza plenamente no encontro pessoal, na vivência do mistério de comunhão. Na sua liberdade, o homem realiza aquilo para que foi criado e, sendo fruto da graça, vive em acção de graças, porque, "só reconhecendo tudo aquilo que é dom, tudo aquilo que nele é limite e tudo o que nele é possibilidade pode, o homem, verdadeiramente, entender-se e realizar-se" <sup>52</sup>.

O mundo actual sobrevaloriza cada vez mais o homem pela exclusão objectiva de Deus e da sua relação com ele. Não se trata aqui se é Deus que precisa do ser humano ou se este é que necessita d'Ele.

---

<sup>51</sup> Cf. *Gaudium et Spes*, 12.

<sup>52</sup> AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 76.

A glória do homem quer significar aquilo que rezamos no Prefácio Comum IV: “Vós não precisais dos nossos louvores e poder glorificar-Vos é dom da vossa bondade; porque os nossos hinos de bênção, nada aumentando à vossa infinita grandeza, alcançam-nos a graça da salvação, por Cristo, nosso Senhor”<sup>53</sup>. Portanto, a glória de Deus concretiza-se nesta realidade comunicada ao homem como possibilidade da santidade, da plenitude, da Sua infinitude potenciadora e superadora, não na arrogância de almejar a identificação com Deus.

É na sua relação com os outros e com Deus que o homem pode construir a sua identidade pessoal, caso contrário o seu distanciamento e o individualismo não permitem conceber a autenticidade da sua existência. E nada o fará compreender a não ser ele mesmo porque se trata de dimensões da sua existência que lhe permitem reconhecer a solidariedade do absoluto com o concreto de cada ser humano, como também ser e viver a partir das suas capacidades, ou seja, descobrir-se perante o Mistério de Deus.

O modelo por excelência é Jesus Cristo que Incarnou, e assumindo a condição humana, viveu plenamente a sua missão como deve ser entendida a missão de cada ser humano, mediante a vontade do Pai: ser Filho de Deus e revelando que Deus ama o homem e quer redimi-lo. O Seu amor traduz-se na redenção, ou seja, na existência plena. É este viver em plenitude que faz do homem o lugar do próprio Deus, é a imagem e semelhança do seu ser o seu projecto é que entre ambos se partilhe a Sua plenitude.

Assumindo as esperanças mais profundas, Jesus Cristo revela-se como Solidário, Salvador, Deus que diviniza o homem a partir da sua Incarnação. Se a glória do homem é a glória de Deus, esta revela-se na história como glória da humanidade porque assim como no Verbo a divindade não se separa da humanidade, também a glória do homem não se separa da glória de Deus.

“Deus e o homem já não podem ser pensados nem entendidos sem estar em referência um ao outro. A glória de Deus e a glória do homem afirmam-se juntamente, ou juntamente se negam, por isso Deus não é indiferente àquilo que acontece com o ser humano e, também, por isso a relação do homem com Deus passa necessariamente pela sua relação com os outros homens”<sup>54</sup>.

Portanto, como referia Santo Ireneu, a visão de Deus e a glória do homem coincidem porque ele já pode participar da plenitude de humanidade concretizada em Cristo, na Sua

---

<sup>53</sup> *Missal Romano*: Reformado por decreto do Concílio Ecuménico Vaticano II e promulgado por autoridade de S. S. o Papa Paulo VI. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1992. p. 503.

<sup>54</sup> AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 90.

vida, morte e ressurreição. Apesar da possibilidade aberta para o ser humano, não significa que a consiga alcançar, de entender quem é Deus e quais são as suas possibilidades reais.

Nem a vida do homem nem a visão de Deus podem existir sem o encontro e a unidade pessoal entre Deus e o homem.

A glória do homem é o próprio Deus, porque à luz do projecto do próprio Deus o homem é “ imagem do seu Criador (...) quando reconhece em Jesus a imagem visível do Deus invisível, em quem, portanto, Deus se nos diz a si mesmo dizendo, simultaneamente, a entranha mais verdadeira e a realização mais autêntica do humano”<sup>55</sup>.

No seu viver que não se confronta com obstáculos nas dimensões características da sua condição, estas tornam-se em possibilidades de realizar aquilo a que está chamado, ou seja, de ter a esperança e a certeza de que, voltando-se para Ele e não vivendo a partir de si mesmo, se encontra com a sua verdadeira identidade, com a revelação plena do homem.

---

<sup>55</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *La Gloria del Hombre*. p. 375.

## 2. MISTÉRIO DE JESUS E O MISTÉRIO DO HOMEM

“O Homem que quiser compreender-se a si mesmo profundamente – não apenas segundo critérios e medidas do próprio ser, imediatos, parciais, não raro superficiais e até mesmo só aparentes – deve, com a sua inquietude, incerteza e também fraqueza e pecanimosidade, com a sua vida e com a sua morte, aproximar-se de Cristo. (...) deve «apropriar-se» e assimilar toda a realidade da Encarnação e da Redenção, para se encontrar a si mesmo”<sup>56</sup>.

Até ao momento verificamos que o homem, em tudo o que procurou para se descobrir e compreender, não foi conduzido a uma definição concreta. Em busca contínua, deixou-se envolver numa inquietude que não lhe garante nada, que, pelo contrário, cada vez mais o prende à certeza de que vive com tendência para um fim, ou seja, que a sua existência constitui um drama.

Como em todas as suas interrogações, conseguimos definir a abertura para uma realidade, mais concretamente, concluímos que a sua existência não tende para um fim derradeiro. O homem descobre que é chamado por Alguém a ser mais do que é, a ir mais além de si próprio, e que portanto tal processo não lhe é impossível. Por isso, propomos como objecto da nossa reflexão olhar para Cristo como o Redentor do próprio Homem, isto é, partir da compreensão possível da nossa condição acerca do seu Mistério e do modo como Ele se torna próximo do próprio mistério do Homem.

O homem encontra o sentido da sua vida nesta esfera da Encarnação e Redenção porque Jesus Cristo é o homem definitivo que conduz o ser humano ao seu futuro ultrapassando os seus limites e que confirma que “o ser humano está tanto mais em si mesmo quanto mais está no outro. Ele só chega realmente a si na medida em que se afasta de si. Ele só chega a si mesmo pelo outro e pelo ser no outro”<sup>57</sup>.

Jesus Cristo é Aquele que realiza plenamente este dinamismo, como afirmado por Joseph Ratzinger, porque sendo ele esse outro, o ser humano chega a si próprio pelo Mistério da Encarnação, pelo anúncio do Reino que em Si já se faz realmente presente e por quem o Homem encontra o Caminho para descobrir a Verdade e alcançar a Vida como destinatário desta Revelação do Homem único e último que derruba todas e quaisquer barreiras da existência humana<sup>58</sup>.

---

<sup>56</sup> IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Carta Encíclica *Redemptor hominis*. Braga: Editorial A. O., 1979. p. 27.

<sup>57</sup> RATZINGER, Joseph – *Introdução ao Cristianismo*. Cascais: Principia, 2006. p. 170-171.

<sup>58</sup> Cf. RATZINGER, Joseph – *Introdução ao Cristianismo*. p. 175-177.

## 2.1 MISTÉRIO DA INCARNAÇÃO

Felicísimo Díez afirma que a Salvação ou a plenitude consiste na elevação das criaturas à esfera do divino, ou seja, o sentido da divinização do ser humano, que está bem presente na cristologia oriental, expressa-se da seguinte forma: *que o homem se faça deus*<sup>59</sup>.

Se o homem procura algo que o eleve acima da sua condição, que ultrapasse a sua finitude, ele encontra, na Encarnação, o primeiro fundamento para aceitar em Jesus Cristo a resposta para a sua problemática. Trata-se do gesto salvador e sanador para a humanidade em que “todo o mundo e todo o homem foram confirmados, amados e assumidos, já que o mundo e a humanidade são o âmbito da existência de Jesus, Filho eterno encarnado”<sup>60</sup>. Porque, segundo Karl Rahner, “a Encarnação de Deus é, por isso, o caso irrepetivelmente supremo da realização essencial da realidade humana”<sup>61</sup>.

Na Encarnação está patente não só o mistério da Trindade como também a revelação do mistério da nossa participação na natureza divina. Aqui se condensa todo mistério da condição humana.

As mitologias antigas apresentam uma imagem da vida divina como uma multiplicidade de deuses que não se misturam com os mortais e que actuam à distância, intervindo na história humana sem saírem do seu espaço sagrado, sem sofrerem qualquer redução à sua essência relativamente aos humanos. O Mistério da Encarnação diferencia o Cristianismo das outras religiões e tradições, através de um anúncio e uma vida de uma realidade que se expressa na relação de amizade entre Deus e o Homem.

Ele fez-se próximo dos homens preocupando-se com eles numa atitude solidária. Deus não é a negação do humano mas a sua salvação e sanação revelada em Jesus Cristo como esperança que abre os horizontes da existência. É a prova de que o ser humano é destinatário de uma vida de felicidade em todas as suas dimensões, uma vida chamada à plenitude<sup>62</sup>. Portanto, a proposta do Cristianismo é diferente. Não se trata de uma lenda mas sim de uma narrativa verdadeira sobre a presença de Deus na vida e na história humana, isto é, de um Deus Encarnado.

Evitando qualquer projecção dos nossos preconceitos, pretendemos reflectir sobre a pessoa e a história de Jesus Cristo, de modo a que possamos entender o que nos é revelado.

---

<sup>59</sup> Cf. DÍEZ, Felicísimo Martínez – *Crer em Jesus Cristo viver como cristão*. Gráfica de Coimbra 2. p. 389-391.

<sup>60</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Fundamentos de Cristologia II*. Madrid: BAC, 2006. p. 175-176.

<sup>61</sup> RAHNER, Karl – Para la Teología de la Encarnación. In *Escritos de Teología*. Madrid: Taurus ediciones, 1964. Tomo IV. p. 145.

<sup>62</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés – *Recuperar la creación. Por una religión humanizadora*. Santander: Sal Terrae, 1996. p. 229.

Já não é no Olimpo mas na terra, já não é à distância e na transcendência mas na proximidade e na imanência da humanidade que se descobre o próprio Deus e também o ser humano.

O Deus humanado só pode ser descoberto na história humana porque foi nela que se revelou e, desta forma, também o homem se pode descobrir apenas na história divina porque nela se integra. Logo, a história humana torna-se lugar teológico, a partir do qual se podem ler todos os outros lugares, a partir do qual o homem pode ler-se a si próprio.

Lugar de encontro onde se realiza o encontro único e verdadeiro entre a humanidade e Deus Pai. É único e verdadeiro porque *marca* de uma maneira definitiva os que aí se encontram, como que transfigurados, à semelhança de Moisés no episódio da sarça ardente (cf. Ex3-4) ou dos Magos na Epifania (cf. Mt2, 9-11). Este caminho não foi descoberto pelo homem mas proposto por Deus como caminho de humanização e divinização. De facto, a Revelação de Deus torna-se caminho real de humanização para o ser humano e, por isso, ele deve olhar para os acontecimentos dessa mesma Revelação, concretizada na própria acção bondosa de Deus que, sem Se reduzir, é para o homem o modelo da plena humanização.

Este itinerário de humanização é percorrido mediante a possibilidade da própria Encarnação como plano estimulador do encontro com Deus na encruzilhada entre o humano e o divino. Se “no humano encontramos o divino”<sup>63</sup>, podemos afirmar que no Deus humanizado o homem se encontra a si próprio quando se abre à dimensão da graça que afasta qualquer ‘tentação’ de desumanização. Isto porque o meramente humano não pode revelar o divino. Acontece o contrário em Jesus Cristo que revela a graça como esta transcendência do homem pela superação de tudo o que é desumano. E assim, na constituição humana tripartida - carnalidade, alteridade e liberdade – Ele toma-as para nos mostrar a capacidade de cada um em alcançar essa transcendência, ou seja, a verdadeira humanização que se identifica com a plenitude<sup>64</sup>.

Na revelação de Deus compreende-se o sentido do homem pela compreensão de Jesus no assumir da filiação, no conhecimento do projecto salvífico e no entendimento da Sua finitude e criaturalidade a partir de Deus. Porque em tudo igual a nós, excepto no pecado, a perfeição de Deus está em assumir tudo o que é humano tornando tudo plenamente divino porque Deus, apresentando-se humanamente, revela o rosto humano como expressão do divino.

---

<sup>63</sup> CASTILLO, José Maria – *La Humanización de Dios*. Madrid: Edições Trotta, 2009. p. 195.

<sup>64</sup> Cf. CASTILLO, José Maria – *La Humanización de Dios*. p. 198-203.

Ao manifestar-Se na sua forma humana de ser Deus, revela que tudo o que existe de verdadeiramente humano é revelação de Deus. Logo, não só conhecemos como é Deus mas como é esta plenitude para o homem, ou seja, ela é plena e verdadeira quanto mais se aproxima do ser de Deus, configurada a partir de Cristo.

E se Cristo não pode ser jamais pensado sem a sua referência a Deus Pai, pois que Ele é a Palavra, o Logos, o Verbo de Deus a acontecer na humanidade, também o homem não pode conhecer a sua plenitude sem ter referência a esta experiência do encontro com Deus a partir de Cristo e em Cristo. Ele conduz o homem à plenitude da sua humanidade, porque viveu em plenitude a condição humana, e porque “não se valeu da sua igualdade com Deus, pois foi provado em tudo como nós, excepto no pecado” (cf. Fil2, 6; Heb4, 15).

Em Jesus Cristo revela-se o humano naquilo que é e no que não é, mas não no sentido de que Cristo revele aquilo que não é humano, mas, como Ele manifesta a plenitude humana, a partir daí, podemos entender o seu contrário. Ao revelar o que é verdadeiramente humano deixa a descoberto aquilo que não é próprio do homem e que até oculta o próprio Deus. Se a ocultação de Deus na vida abre espaço para a aniquilação, logo, aquilo que é revelado pela presença de Deus em nós manifesta o que é verdadeiramente humano e, tal como em Cristo, se revelou plenamente perfeito.

A resposta para a fundamentação da vida humana, para a sua auto-compreensão e revelação do seu mistério, está neste encontro de Jesus Cristo e Deus Pai, em que Cristo é o modelo perfeito do Homem Novo e da Nova Humanidade e nele se dilui o homem velho e pecador que oculta Deus e o próprio homem.

O homem velho, aquele que pensou por si mesmo, afasta-se, foge de Deus (cf. Gn3), mas Cristo, o Homem Novo, não foge de Deus, antes lhe diz faça-se a tua vontade (cf. Mt26, 39). É a plenitude da humanidade porque procede de Deus. Nas mitologias antigas, encontramos os deuses do Olimpo muitas vezes indignados com a felicidade dos humanos, mas o Deus de Jesus Cristo não é uma lenda para a humanidade, nem um falso deus. O Deus de Jesus Cristo entra em sentido contrário ao da lógica mitológica. Ele alegra-se com a humanidade e quer a felicidade para cada homem e para cada mulher, quer que cada um deles em particular e o mundo todo na generalidade vivam felizes porque para isso foram criados (cf. Gn1, 27-31).

A Criação faz parte de um projecto de amor e de felicidade. Na Encarnação somos iluminados por este Mistério para a realização plena da nossa condição de criaturas, e principalmente de filhos no Filho (cf. Jo1, 12-13; 1Jo3, 1).

O Mistério do Verbo Incarnado revela o Mistério da Trindade que se torna acessível ao homem para que reconheça que o Criador é único mas não solitário. Este Deus vive numa comunhão plena e quer que a humanidade participe nesta mesma vida.

Cristo está inserido numa história e consciente da sua condição que se traduz numa missão, ou seja, toda a sua existência é lida e compreendida em favor da humanidade num acto histórico e supremo de amor que torna os homens participantes da Sua filiação e os resgata da sua situação de morte. É um acto único de amor, uma forma de se solidarizar com o destino do ser humano e transmitir-lhe um sentido novo.

Nesta realidade da Encarnação podemos ver que, quando falamos na divinização do homem, não se trata de uma auto-divinização. Isto pode-se verificar na contraposição com a versão do mito contada por Protágoras. Os homens tornaram-se mais perfeitos, depois de terem recebido de Prometeu o fogo e as habilidades, do que todas as outras criaturas mortais. Na história da salvação não se trata do homem roubar o poder ao próprio Deus que se pode identificar naquela desobediência do primeiro Adão no relato do Génesis (Gen3, 6). Mas trata-se da própria história do ser humano que a partir de Deus o Homem alcança essa divindade: essa vida plena em Deus porque se realizou uma auto-doação do próprio Deus para com a criatura. O homem é levado a uma possibilidade máxima, é receptor desta realidade e verdade do próprio Deus que se torna viva e real em Cristo.

Segundo González de Cardedal, Deus aproxima-se do Homem para lhe oferecer a plenitude. Na vida trinitária, a acção gerada pelo Espírito irrompe na história humana para atrair toda a criação e conduzir ao seu verdadeiro destino. Na verdade, a Encarnação de Jesus é a certeza e o fundamento para o Homem existir, assim, incarnado: o “Homem só a descobre como possibilidade quando a encontra realizada”<sup>65</sup>.

Em Cristo está a possibilidade máxima de qualquer realização humana, na medida em que pela Sua oferta como Verbo feito carne, o que é finito recebeu uma dignidade profundamente infinita. O Homem como destinatário da revelação é, ao mesmo tempo, o protagonista do projecto de Deus. Como se pode afirmar que a *Kenosis* de Deus é uma *Theosis* do Homem<sup>66</sup>.

A gratuidade divina encarna-se nesta pura liberdade divina como plena realização do amor de Deus. A razão do chamamento do homem está em função desta salvação e plenitude que Deus lhe quer oferecer e que é mais evidente em Jesus Cristo.

---

<sup>65</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Cristología*. Madrid: BAC, 2001. p. 393-394.

<sup>66</sup> Cf. Díez, Felicíssimo Martínez – *Crer em Jesus Cristo. Viver como cristão*. p. 512.

Na Encarnação revela-se a partilha da vida do próprio Deus com o homem no mundo de modo a que sejam uma só na vivência deste amor que procede do Pai como criaturas e muito mais como filhos de Deus. Assim sendo, a plenitude do homem encontra-se nesta espera do próprio Deus de que o homem incarne esta vida divina, porque, se o Logos incarnou para manifestar a verdadeira vida que se realiza mesmo na “pátria da finitude, da corruptibilidade e mortalidade”<sup>67</sup>, o homem pode manifestar, na sua condição mortal e de fragilidade, esta verdade de Deus inaugurada por Jesus Cristo, vivendo o ‘ainda não’ no ‘já’ da sua existência, e descobrindo-se assim como verdadeiro homem.

Segundo Felicísimo Díez, em Jesus Cristo podemos descobrir o verdadeiro Deus, e o Homem verdadeiro porque só n’Ele vemos a revelação extraordinária do mistério do ser humano<sup>68</sup>. Com isto pretendemos afirmar que, além de manifestar a sua forma de ser Deus revela a perfeição de que o ser humano pode alcançar porque estão intimamente ligados aquilo que significa com o verdadeiramente humano manifestado pelo divino.

“ (...) Cristo não é só a luz em que vemos a Deus, mas que é o próprio Deus deixando-se ou fazendo-se ver, ou, se quisermos, Deus é a transparência e a luminosidade interna, constitutivas de Cristo. O termo «imagem» encontra-se próximo do termo «doxa». Na face de Cristo resplandece a própria realidade de Deus e vemos a sua glória”<sup>69</sup>.

Em Jesus Cristo tudo é de Deus, que revela o Homem Novo e a Nova Humanidade alcançada nessa experiência de Deus. Segundo González de Cardedal, Cristo é a imagem visível de Deus invisível e poderíamos considerar que é a imagem visível na sua plenitude do Homem. Este, descobrindo-se como necessitado, frágil e impotente, sente-se chamado a abrir-se ao Mistério<sup>70</sup>.

A Encarnação é mistério porque nos transcende e é a revelação mais adequada à condição humana. O próprio Deus conduz a humanidade ao Seu encontro para lhe manifestar a sua identidade que a partir de Cristo é revelada pelo amor. A humanidade é identificada pelo amor e no amor, ou seja, numa vida totalmente incarnada e plena, edificada e enraizada em Cristo. Numa vida para santificação do próprio homem que está ligada à identidade divina de Jesus na própria Realidade Trinitária.

---

<sup>67</sup> AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 133.

<sup>68</sup> Cf. DÍEZ, Felicísimo Martínez – *Crer em Jesus Cristo. Viver como cristão*. p. 501-509.

<sup>69</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Jesus de Nazaret*. p. 210.

<sup>70</sup> Cf. AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 139-140.

É em Cristo que se expressa a liberdade criadora porque traduz a perfeita doação de Deus ao homem e a partir da qual a adesão do homem potenciada pelo Espírito renova a humanidade.

O sinónimo de Incarnação é Humanização<sup>71</sup>. Tal permite interpretar que, se ela é um acto histórico que comunica a vida, trata-se então de um acto que une a divindade à humanidade pois só Deus pode conceder a vida. O acto de humanização abre-se na possibilidade de o homem receber a vida, fruto do dom de Deus. Este dom tem origem na Sua auto-doação que se manifesta na consumação da criação.

O mistério de Cristo é entendido não só como uma “Incarnação humanizadora e humilhante de Deus”, mas também “redentora e divinizadora do Homem”<sup>72</sup>. Trata-se de um duplo movimento que se identifica, de condescendência e ascendência.

No Filho de Deus feito carne, o abismo da criaturalidade e da mortalidade transcende-se, de modo que a Glória de Deus se apresenta como a plenitude e a felicidade humanas. Assim também é para o homem que na sua participação na vida divina não exclui a sua humanidade, porque o próprio Deus assumiu a nossa humanidade. A partir de Cristo, se visibiliza a vocação humana na sua expressão autêntica e madura de ser humano. Cristo é expressão plena de Deus no homem e do homem como expressão de Deus porque revela a possibilidade de Deus se expressar na própria humanidade.

Deus conduz o homem através do dom da Sua graça para que este estabeleça uma relação de comunhão revelada em Jesus Cristo e confirmada numa assimilação absoluta, concreta e real: a filiação divina. Assim o homem na sua totalidade e toda a humanidade são agraciados por uma vida de comunhão em que está aberta a possibilidade de também participarem, todos e cada um, nesta/desta mesma vida.

A Incarnação revela o desejo de Deus pelo homem porque se realiza o que é a verdade do seu ser, ou seja, trata-se de uma garantia e não de um mito, de uma certeza que mostra a lógica profunda do Deus feito homem que, solidariamente, nos torna participantes da plenitude. O homem, em Cristo Jesus, torna-se o homem novo porque já vive de forma diferente<sup>73</sup>. A Incarnação é a novidade suprema pela superação da finitude diante do Infinito. É a promoção do ser humano à sua máxima dignidade como escolhido para participar da divindade.

---

<sup>71</sup> Cf. Díez, Felicísimo Martínez – *Crer em Jesus Cristo. Viver como cristão*. p. 513.

<sup>72</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *La entraña del Cristianismo*. 2ª edição. Salamanca: Secretariado Trinitário, 1998. p. 351.

<sup>73</sup> Cf. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *La entraña del Cristianismo*. p. 418-420.

A Palavra falou de uma vez para sempre, “o Verbo fez-se carne e habitou entre nós” (cf. Jo1, 14) para demonstrar a imensidão do amor de Deus e, como Palavra eterna e performativa, não nega a expressão “sereis como Deus” (cf. Gn3, 5), mas inverte-lhe o método. Em Jesus Cristo a vida humana ganha um novo sentido, o sentido único que conduz à sua verdadeira humanidade <sup>74</sup>.

É a graça de Deus que torna o Homem mais humano porque a sua participação é como filho, ou seja, cada Homem torna-se filho e participante do seu ser divino através do Filho, através d’Ele recebemos toda a plenitude porque é “n’Ele que habita realmente toda a plenitude da divindade” <sup>75</sup>. Pela filiação o homem torna-se participante da graça de Deus e o mesmo se passa com este ser filho no Filho (cf. Jo1, 12-13; 1Jo3,1) que se traduz no “revestir-se de Cristo” (cf. Rom13, 11-14), ou seja, uma configuração total n’Aquele que torna a vida humana mais simples, mais bela, mais divina. Quando formos capazes de afirmar como o Apóstolo de que “já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim.” (cf. Gal2,20) então, seguindo a afirmação do Apóstolo, esta vida de Cristo em mim transforma cada homem num *cristificado*<sup>76</sup>, completamente configurados no Filho, ou seja, como humanidade plena em Cristo.

A plenitude da vida pode ser traduzida pela palavra *salvação*. Aparece como um grande movimento que penetra na condição triste e dura da humanidade para que seja liberta da angústia e da opressão. Tudo acontece através de um movimento descendente e que parte de dentro para fora, de Deus para o homem.

Na limitação e caducidade humanas é oferecido, ao ser humano, um projecto/mistério pelo qual o homem inicia um caminho que se abre à realização e felicidade plenas. Deus somente dá e dá-Se na medida em que Ele é o Dom e o Caminho.

Como afirma Torres Queiruga, Jesus Cristo, o Verbo feito carne, vem ao mundo e entra na história da humanidade, não para um simples *turismo divino*, mas é a concretização de um sonho de que é possível “um Homem real e verdadeiro com todas as conseqüências, submetido à condição humana em toda a sua impotência, excepto no pecado” <sup>77</sup>.

---

<sup>74</sup> Cf. RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis – *El don de Dios*. 3ª edição. Maliaño: Editorial Presencia, 1991. p. 377; Cf. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *La entraña del Cristianismo*. p. 425-426.

<sup>75</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO II – *Decreto sobre a Actividade Missionária da Igreja, (Ad Gentes)*, 3. Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1998.

<sup>76</sup> Cf. RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis – *El don de Dios*. p. 382.

<sup>77</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés – *Recuperar la Salvacion*. 2ª edição. Maliaño: Editorial Presencia, 1995. p. 177.

Jesus Cristo rompe com esta impotência real e característica da condição humana, abrindo-lhe a possibilidade de uma realização infinita. Ele Incarna para potenciar a impotência humana e revela ao homem que, agora muito mais do que nunca, é capaz de se realizar numa existência de amor e de sentido.

“Só na medida em que o Homem compreenda que o absoluto da sua pessoa só se pode iluminar e realizar no encontro com outro Absoluto pessoal; que se assuma em liberdade sabendo-se dom e desenvolvendo-se como dom; e que aceite a vocação com que esse mesmo Absoluto o interpela respondendo em «in-vocação», pode andar por caminhos de autenticidade e realização”<sup>78</sup>.

Isto significa que a plenitude do homem não vem dos homens, mas trata-se de uma atitude de acolhimento dessa «in-vocação», ou melhor, do acolhimento desse presente que é puro dom de Deus que provém do Espírito e que demonstra o realmente novo começado na nova humanização. E se o ser humano quer chegar a si mesmo deve olhar para Jesus Cristo e reconhecê-lo como o ser humano exemplar que ultrapassa o limite da existência chegando verdadeiramente a si próprio porque vai plenamente para além de si mesmo<sup>79</sup>.

A redenção concretiza a plena realização do homem de modo que o homem descobre do que é capaz e aquilo de que necessita, mesmo continuando na finitude a superar as suas necessidades. Cristo é o lugar da redenção do homem, porque só Ele é o critério, a medida para toda a humanidade. N’Ele se instauram todas as coisas, porque Ele é o único salvador e plenitude do homem.

## 2.2 MISTÉRIO DO REINO

Como temos defendido, estamos perante a realidade de um Deus que sai em busca da humanidade, que a ‘persegue’ numa perseguição de amor, fazendo-se presente na história e aceitando o destino humano, dando assim início a uma nova época<sup>80</sup>.

A plenitude do homem configura-se com a plenitude dos tempos. São os *novos tempos* ou *os tempos novos*, para que, no tempo e pelo tempo, o homem se vá aperfeiçoando para alcançar a plena identificação do que é e para o que foi criado onde já não há tempo.

---

<sup>78</sup> AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 153.

<sup>79</sup> RATZINGER, Joseph – *Introdução ao Cristianismo*. p. 202.171.

<sup>80</sup> Cf. SCHMAUS, M. – La decision Redentora de Dios. In *Teologia Dogmatica*. Madrid: 1959. p. 14.

Segundo Juan Ambrosio, a consciência de Jesus é acessível através de três caminhos: pelas Suas palavras, gestos ou obras e pelo kerigma<sup>81</sup>.

O mistério do próprio Jesus é o mistério do próprio Deus oferecido à humanidade porque Ele se converteu num gesto salvífico, logo de plenitude, para a humanidade.

“Então, uma cananeia, que viera daquela região, começou a gritar: «Senhor, Filho de David, tem misericórdia de mim! Minha filha está cruelmente atormentada por um demónio.» (...) Mas a mulher veio prostrar-se diante dele, dizendo: «Socorre-me, Senhor.» Ele respondeu-lhe: «Não é justo que se tome o pão dos filhos para o lançar aos cachorros.» Respondeu-lhe ela: «É verdade, Senhor, mas até os cachorros comem as migalhas que caem da mesa de seus donos.» Então, Jesus respondeu-lhe: «Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se como desejas.» E, a partir desse instante, a filha dela achou-se curada” (Mt15, 21-28).

Nesta cena evangélica, compreendemos realmente o sentido e a concretização do gesto salvífico de Deus em favor da humanidade fragilizada, pobre e miserável. Na acção realizada por Jesus verifica-se a proximidade junto dos homens e um desejo profundo de ir ao encontro dos que andam perdidos. De facto, Jesus toma uma atitude que parece caprichosa ou marginalizadora no sentido em que veio ou procurou um determinado grupo de pessoas mas, na verdade, não são os que têm saúde que precisam de médico (cf. Mc2, 16-17).

Aqui manifesta-se o sinal desta profunda, verdadeira e amorosa proximidade de Deus que, na Sua misericórdia, se dirige à humanidade, vem ao seu encontro e quer que ela seja curada, se reencontre, ou seja, encontre a plenitude da vida. Os que andam perdidos e sem sentido encontram em Jesus Cristo o próprio Deus presente junto da humanidade; é o tempo favorável, o tempo da graça e do Reino, é o tempo da plenitude porque vem ao encontro da humanidade para que cada homem encontre a sua plenitude.

É o tempo da Boa Nova e da Graça de Deus oferecida a todos. Jesus de Nazaré, na sua pregação, na sua acção e na sua própria pessoa, como Deus humanado, torna presente este Reino. Este constitui, nesta linha de pensamento, uma resposta à inquietação humana, na medida em que o homem deixa de cair no risco da alienação porque no Reino de Deus se torna presente a verdadeira paz, justiça e vida.

A Boa Nova anunciada vem ao encontro do homem perdido, pobre e que vive como ovelha sem pastor (cf. Mc6, 34). Vem como palavra do próprio Deus que fala directamente ao

---

<sup>81</sup> Cf. AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 102.

homem procurando orientá-lo para que encontre a plenitude da vida, ou seja, para que seja feliz. Para a humanidade pequena, débil e fraca, Jesus Cristo apresenta-se como o Caminho que, na simplicidade, abre o homem à esperança.

Jesus viveu o encontro primordial com Deus Pai, revelando-o como possibilidade para o homem de experimentar o gesto gratuito do próprio Deus.

O Filho esclarece a Sua relação com o Pai e manifesta que n'Ele, por Ele e com Ele, o homem pode esclarecer o seu mistério.

Jesus é o profeta do Reino porque O anuncia pelo Evangelho de uma vida incarnada como plenitude de vida que, na lógica de Deus, se manifesta assim no tempo e no mundo, no já de Jesus Cristo, no agora do Deus Humanado que apresenta aos que O rodeiam uma vida com necessidade de ser acolhida, uma vida mais próxima de Deus.

Se Deus se encontrou com o homem em Jesus, não se trata de um encontro apenas entre Deus e o homem ou vice-versa, mas significa que o próprio homem pode encontrar-se consigo mesmo em Jesus, estando assim aberto a um encontro inter-humano <sup>82</sup>.

A plenitude é oferecida pela vida, paixão e morte pelo Reino, ou seja, numa itinerância que garante que, a partir da existência de Cristo, temos acesso a uma nova existência, a uma vida que não se centra apenas em si mas que se solidariza com os outros e por isso, é divina e mais humana. Estamos e somos chamados para ela.

Todo o agir de Jesus é salvífico porque a realidade central da vida de Jesus se identifica com esta realidade do Reino que, sendo a chave central da Sua vida, se torna para nós na chave que capta e interpreta toda a nossa vida porque, enraizados n'Ele pelo Baptismo, recebemos uma vida nova pela água e pelo Espírito Santo. Deste modo, revela-nos a glorificação do homem no qual o tempo humano se assume como tempo de Deus.

Aqui se apresenta a Boa Notícia e a veracidade de toda a pregação de Jesus Cristo porque se revela a plenitude de Jesus Cristo na consumação do mistério da redenção humana, em que com Ele, por Ele e n'Ele, todas as criaturas reconhecem a verdade de que “Deus está aqui para trazer uma vida mais feliz para todos” <sup>83</sup>.

Ao fazer a experiência da finitude e da fragilidade humana, sem corromper a sua divindade, Cristo testemunha o amor e a fidelidade de Deus para com o homem porque a Boa Notícia do Reino é este Evangelho do valor e da dignidade humana que subsiste no mundo contemporâneo, como deslumbramento ou revelação do divino e humano <sup>84</sup>.

---

<sup>82</sup> Cf. AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 124.

<sup>83</sup> PAGOLA, J. A. – *Jesus uma abordagem histórica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2008. p. 89.

<sup>84</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Carta Encíclica *Redemptor hominis*. p. 29.

A redenção do homem revela-se nesta vida de Cristo. Ele é o Rei de um Reino que é *escândalo* e *loucura* (cf. 1Cor1, 18-31). Rei que governa a partir da cruz, na qual “hãode olhar para Aquele que trespassaram” (Jo19, 37). Governa não a partir de um poder político que instaura a disciplina e o bem comum mas a partir do supremo poder que identifica Deus, ou seja, pelo amor.

Um Reino que tem um Rei que governa pelo amor e o seu objectivo não é outro senão a plenitude, ou seja, que todos tenham a vida e vida em abundância (cf. Jo10, 10).

E no olhar do homem para o mistério de Cristo <sup>85</sup>, como Profeta do Reino, toca-se profundamente na esfera mais profunda do homem. Se a morte no entendimento humano é motivo de sofrimento, amargura e angústia, na perspectiva de Deus, ela manifesta-se como realização deste encontro salvífico que arranca o ser humano de qualquer alienação na medida em que é o próprio Deus que encontra o homem e lhe oferece a redenção.

A Encarnação do Filho é na verdade uma *Kenosis*, na medida em que compartilha as finitudes ocultando a sua condição divina. Esta impotência e padecimento tornam-se no mundo loucura e escândalo, porque se trata de sabedoria de Deus que, na Sua lógica, Se manifesta concretamente como Deus dos homens <sup>86</sup>. Contudo, esta atitude de Jesus que traduz o Amor supremo, de que ninguém alguma vez foi capaz de fazer suscitar, tem em si umas quantas imagens de possível interpretação. Na ânsia pelo sentido, faz com que o povo tenha esperança em Jesus pela maneira como a sua experiência incute à humanidade um horizonte novo, verdadeiro e feliz: “Interrogado pelos fariseus sobre quando chegaria o Reino de Deus, Jesus respondeu-lhes: «O Reino de Deus não vem de maneira ostensiva. Ninguém poderá afirmar: ‘Ei-lo aqui’ ou ‘Ei-lo ali’, pois o Reino de Deus está entre vós »”( Lc17, 20-21).

É a plenitude desejada por Deus para o homem e que se alcança por Cristo porque o Reino de Deus já está entre nós. E este *estar entre* pode dizer-se *estar dentro de* <sup>87</sup>, na medida em que podemos entender não a posse deste Reino mas do acolhimento íntimo do mesmo e que com essa atitude, acção ou predisposição acontece uma transformação que abarca a totalidade da vida humana. Esta vida plena em Deus e que d’Ele procede constitui o caminho de plenitude humana, uma vez que Deus se faz pobre na sua riqueza, ser um com os homens marginalizados e frágeis, para que se enriqueçam da Sua graça. Diante de um mundo de crucificados, a compaixão divina encarna na vida de cada um.

---

<sup>85</sup> Cf. AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 127.

<sup>86</sup> Cf. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Cristologia*. p. 397.

<sup>87</sup> Cf. PAGOLA, J. A. – *Jesus uma abordagem histórica*. p. 95.

Jesus Cristo carrega a cruz para que se revele a misericórdia divina onde se manifesta a impotência humana. Uma misericórdia que não tem outro poder senão a potência do amor que o faz levar as sementes a chorar e trazer os molhos com alegria (cf. Sl125). É na simplicidade de um gesto mas também na grandeza de um coração que Deus se revela como próximo e como caminho da humanidade, é a manifestação de Deus que do nada faz muito e do próprio homem o faz filho.

É nesta mensagem de Jesus que se relacionam o Reino e a plenitude porque, na plenitude dos tempos, o Reino de Deus está próximo (cf. Mt4, 17) de modo que ao homem que não possui a paz, a justiça, a liberdade e a vida é-lhe anunciado que perante a vida oprimida e de tudo o que escraviza a condição humana, a esperança é o Senhor da Vida.

“Não implicava, acima de tudo, a simples esperança de que o Reino viria ou inclusive de fazê-lo coincidir com a aparição de si mesmo, de referi-lo à sua própria pessoa, de retirar-lhe toda a sua futuridade para fazer depender a entrada nele da postura perante a sua própria pessoa”<sup>88</sup>.

Walter Kasper afirma que esta esperança, que Israel já conhecia e pela qual ansiava, tem em Jesus Cristo uma direcção nova porque se trata de uma esperança que é revelada salvificamente pelo projecto de Deus para a Humanidade<sup>89</sup>. Uma revelação que se concretiza no amor, e é neste amor que o homem e o mundo encontram a plenitude.

Na sua vida pública Jesus realizou milagres que significam estes sinais do Reino presentes no meio da humanidade sofredora mas não com o intuito de apenas adquirir, por fenomenais prodígios, um grupo de seguidores. Estes sinais do Reino revelam o sentido do projecto de Deus, revelam o amor de Deus, revelam o desejo de Deus para com o homem.

Os milagres, as curas, as epifanias de Deus afectam a totalidade do homem; aqueles que sofrem alguma enfermidade, simplesmente são desprezados ou vivem em pecado são acolhidos por Jesus. Ele toca-os, Ele quer e eles ficam curados, ou seja, pelo toque ou pela Palavra, cada homem e cada mulher são tocados na sua dimensão espiritual e corporal.

Walter Kasper afirma que este desejo de Deus significa que o homem seja à Sua *imagem e semelhança*, desejo manifestado em toda a acção de Jesus<sup>90</sup>.

---

<sup>88</sup> AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo*, Plenitude do Ser Humano. p. 87.

<sup>89</sup> Cf. KASPER, Walter – *Jesus, el Cristo*. 2ª edição. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1978. p. 106.

<sup>90</sup> Cf. KASPER, Walter – *Jesus, el Cristo*. p. 118. 313.

Este Reino já presente no meio dos homens pelo Messias transmite a vida em Deus numa vida voltada, debruçada, oferecida e sacrificada pelos outros e para os outros.

Na missão do Reino, o homem concretiza a sua missão à luz da missão de Cristo para suprimir, desvendar e desabsolutizar tudo que não é humano e o escraviza, e desta forma, realizar-se somente segundo tudo o que o dignifica e o eleva.

Apesar dos milagres, exorcismos e tudo o que se pode ler, contemplar e rezar com a acção de Jesus na Sua Vida em favor dos mais pobres, dos doentes e dos marginalizados, não podemos esquecer outras caracterizações.

A figura de Servo Sofredor presente na atitude de ir até à morte e morte na Cruz tem o seu sentido salvífico para toda a humanidade, aparecendo explicitamente no hino cristológico de S. Paulo.

“Cristo Jesus, que era de condição divina, não Se valeu da sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si próprio. Assumindo a condição de servo, tornou-Se semelhante aos homens. Aparecendo como homem, humilhou-Se ainda mais, obedecendo até à morte e morte de cruz. Por isso Deus O exaltou e Lhe deu um nome que está acima de todos os nomes, para que ao nome de Jesus todos se ajoelhem no céu, na terra e nos abismos, e toda a língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai” (Fil2, 6-11).

O Apóstolo, mediante a fé pascal e lendo toda a história da Salvação, reconheceu em Jesus Cristo esta renúncia à forma divina de existência para assumir a condição como Filho Incarnado, ou seja, como Homem que é Servo. A condição de Servo Sofredor é a chave interpretativa da Sua acção e missão revelando a identidade, a missão e o destino de Jesus Cristo<sup>91</sup>.

Jesus introduz a humanidade no conhecimento verdadeiro de Deus, revelando o valor salvífico do sofrimento e manifestando o valor do próprio homem para Deus porque se converte em causa de salvação para a humanidade.

O Servo Sofredor é solidário porque carrega tudo o que é iniquidade para resgatar o homem, entregando-se e tomando sobre si as dores de muitos. Contemplando a Cruz contemplamos o Servo Padecente que revela o Reino como caminho da Redenção para a humanidade e plenitude do homem. Trata-se de um Reino diferente dos reinos do homem: o Reino de Deus não se realiza no governo de um território, possuindo exércitos e riquezas.

---

<sup>91</sup> Cf. DíEZ, Felicíssimo Martínez – *Crer em Jesus Cristo. Viver como cristão*. p. 226.

É tudo ao contrário da lógica humana. Estamos diante de um Rei que reina pela com-  
paixão, de modo que, segundo José António Pagola, a Paixão que procede da com-  
paixão é, fundamentalmente, para aqueles que o Pai lhe confiou<sup>92</sup>. Ou seja, a plenitude da vida humana  
é doseada pela medida da com-paixão. Não que seja possível medir o amor, mas porque,  
quanto mais se ama mais se recebe e recebe-se em abundância, alcança-se a plenitude. E não  
dizemos isto em vão porque o ser humano encontra esta certeza na promessa concretizada real  
e plenamente por Jesus Cristo.

Este Rei reina sobre as vidas, não como ditador dos corações fracos e impotentes, mas  
pela força do amor que transmite a plenitude nas vidas dos homens. A mesma plenitude assim  
manifestada por palavras, gestos na Pessoa de Jesus Cristo garantem que n'Ele, por Ele e com  
Ele, no mesmo sentido que Ele se entregou por todos, por muitos, pela multidão. O Reino não  
só testemunha o que é salvífico mas traduz e revela o que é verdadeiramente humano<sup>93</sup>.

### 2.3 JESUS É O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA (Jo14, 6)

A humanidade tem um desafio nesta missão salvífica de Jesus Cristo. O próprio ser  
humano torna-se plenamente realidade em Cristo porque n'Ele a certeza de que o homem já  
não caminha sozinho. Assim, torna-se verdade que “todos os intentos puramente humanos de  
Redenção por grandiosos que sejam...têm que fracassar...Deus escolheu a mais elevada de  
todas as possibilidades: a Redenção por Deus-Filho feito homem. Este modo de redimir-nos é  
um mistério insondável do amor divino”<sup>94</sup>.

Toda a vida de Jesus Cristo é Revelação de Deus e, ao mesmo tempo, revelação do  
homem, porque a sua vida, como relação filial e obediente a Deus, é identificação de Deus  
como Pai e identificação de uma relação de solidariedade fraterna com os homens.

O próprio Deus que compartilha o destino humano é, portanto, solidário. A  
humilhação e o sofrimento tão presentes no quotidiano e profundamente enraizados na  
condição humana, são potenciados e glorificados em Cristo de modo que, em Cristo, o  
homem é revelado ao próprio homem.

---

<sup>92</sup> Cf. PAGOLA, J. A. – *Jesus uma abordagem histórica*. p. 144. 153.

<sup>93</sup> Cf. Díez, Felicíssimo Martínez – *Crer em Jesus Cristo. Viver como cristão*. p. 280.

<sup>94</sup> SCHMAUS, M. – *La decision Redentora de Dios*. p.79.

O conhecimento do ser humano está em absoluta conexão com o conhecimento de Deus porque Cristo dá-nos a conhecer Deus e também o próprio homem, ou seja, “Cristo é o Amén de Deus ao homem”<sup>95</sup>. Em Cristo faz-se a experiência de Deus em plenitude e da plenitude do próprio ser humano. Do mesmo modo que Cristo é o Caminho pelo qual Deus vem até ao encontro dos homens, a própria Humanidade encontrará a sua plenitude e verdade quando cada homem for para o caminho para Deus.

Cristo é o Caminho e a Verdade, a Ressurreição e a Vida porque “só n’Ele, Filho de Deus, está a salvação, renovando a afirmação de Pedro: «para quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna»<sup>96</sup>.

Este Caminho manifesta-se em palavras de vida eterna, ou seja, Cristo encaminha pela Sua Palavra, faz com que o homem seja conduzido à vida. Sendo assim, o Mistério da Redenção não é alheio ao mistério humano.

O Caminho é, então, o princípio da vida nova. Ultrapassa as próprias interrogações porque, mediante a Revelação de Deus em Cristo, as feridas dos homens e mulheres do seu tempo eram saradas pela sua acção salvífica. Neles a plenitude da vida concretizou-se na *pele* seja nas curas ou nas orientações que exigem uma mudança de vida para a verdadeira vida.

O lugar da Revelação deu-se no próprio tecido humano, o que significa que perante a miséria e a dor do homem, Deus Se comove e Se manifesta no sinal de curar. Este é o sinal da presença deste amor salvífico de Deus que tem o seu ponto culminante na Cruz, momento central e único em que a ferida aberta no mundo pelo mal que escraviza e oprime a humanidade é sarada pela água e o sangue que jorra do coração trespassado.

No seu mistério, o homem busca continuamente mas, o crente nunca se cansa na busca do caminho que configure o seu mistério com o mistério de Cristo de modo a que este se torne próximo do género humano, no sentido que a Sua Vida fale à vida humana, a Sua fidelidade à verdade corrija a infidelidade humana e, que o Seu sofrimento e morte sejam a resposta de vida para o fado humano.

Em Jesus Cristo dá-se a experiência do encontro com Deus na experiência radical da divindade. Na experiência concreta do seu viver não só transmite a consciência de quem é e da sua missão, como também do Seu interior brota o sentido da Sua existência, por ela, brota o sentido da existência humana<sup>97</sup>. Cristo é a Vida, comunicada, doada, oferecida ao homem que, na sua fragilidade, necessita de se esclarecer e alcançar a plenitude.

---

<sup>95</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Cristologia*. p. 573.

<sup>96</sup> IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Carta Encíclica *Redemptor hominis*. p. 23.

<sup>97</sup> Cf. AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 99-103.

Existe um horizonte de esperança que se manifesta na misericórdia porque “quando o homem se liberta de si próprio, não tendo que velar angustiadamente por si diante do seu nada ontológico e o seu futuro indominável e incerto, se liberta da sua história anterior tecida de imperfeições e pecados”<sup>98</sup>. Na consciência de que o imperfeito busca a perfeição, que o pecador anseia pelo perdão, e tal dinamismo só se realiza verdadeiramente no desprendimento de si próprio e no encontro concreto pessoal de Cristo.

A esperança é fruto de uma vontade de quem nos quer incondicionalmente. Desta forma, a plenitude do homem encontra-se em Deus que se dá a cada homem em Jesus Cristo no Espírito Santo. Ele age demonstrando ao homem também deve viver como Ele próprio, porque o próprio Deus vem para levantar o homem caído e ferido.

Como rezamos no Prefácio Comum VIII que se intitula como *Cristo, o bom samaritano*:

“Ainda, hoje, como bom samaritano vem ao encontro de todos os homens atribulados no corpo ou no espírito e derrama sobre as suas feridas o óleo da consolação e o vinho da esperança. Por este dom da vossa graça, também a noite da dor se abre à luz pascal do vosso Filho crucificado e ressuscitado”<sup>99</sup>.

A plenitude do Reino tem como característica ou significação a plenitude da vida. E Cristo é o Curador da vida. A realidade fascinante de Jesus está presente na força que d’Ele procede como saúde e vida. É uma força como sinal da plenitude da vida na carne de cada homem e de cada mulher de modo que, afundados na sua impotência, sentem nas suas vidas o efeito divino potenciador, não como resposta a uma causa mas como uma graça única e eficaz que acaricia, cura, liberta. Dito de outra maneira, àqueles que são atormentados pela lepra do mal nas suas vidas, nos seus corpos e principalmente nos seus corações, em Cristo Jesus que “tornou-se semelhante aos homens” (Fil2, 7), estes tornam-se agraciados por Deus pois neles acontece a realização ilimitada do amor de Deus.

Trata-se de uma nova criação que não nega a própria existência humana mas antes a reconfigura com a verdade do ser de Deus, numa recriação que faz parte do projecto e vocação de Deus e se traduz em ser em plenitude imagem e semelhança.

---

<sup>98</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Cristologia*. p. 576-577.

<sup>99</sup> *Missal Romano*. p. 507.

Neste caminho, em que Ele é o Caminho e a Vida, o homem olha para Cristo como o Deus conosco, o Emanuel que toca salvificamente na humanidade sofrida e martirizada, porque acolhido, procede da compaixão fruto da paixão de Deus pelos homens.

Deus coloca-se no caminho de cada homem e Jesus coloca-se a caminho com cada homem partilhando a sua existência, revelando-lhe que ele é *capax Dei* porque a lógica humana pode ser expressão da lógica divina. Assim, do mesmo modo que Deus tem capacidade de ser homem e falar como homem, também o próprio homem sabe e tem capacidade de conhecer, receber e expressar Deus.

Cristo mostra a verdade de Deus na verdade do próprio homem para que, assim, o homem encontre a sua verdade iluminado pela vida divina que o transforma, como afirma González de Cardedal, “a glória do homem é poder chegar ao que é sua possibilidade e necessidade supremas: a plenitude de Deus, a plenitude que Deus é”<sup>100</sup>.

Tendo em conta que, “Deus é Amor” (1Jo4, 16) o homem não pode viver sem amor<sup>101</sup>. É pelo amor que se esclarece o sentido da sua existência. Tal facto é-nos revelado pelo próprio Redentor do Homem que caminha ao encontro do ser humano travando com ele um encontro íntimo que gera vida, um encontro com base no amor que une o próprio Deus ao homem no desejo de que este tenha a vida em abundância (cf. Jo4-6; 11-12).

Então Cristo, Verdade de Deus, é também verdade do homem porque a sua relação filial com o Pai revela a verdade suprema que procede do amor. O governador romano Pilatos perguntou-Lhe “o que é a verdade?” (Jo18, 38) e a resposta dada por Jesus não foi dita por palavras: encontra-se no momento da sua glorificação. A verdade que Ele testemunha é a verdade de Deus para com o homem de modo que a “salvação e a verdade são inseparáveis: a salvação encontra-se na verdade e a verdade conduz à liberdade e à salvação”<sup>102</sup>.

Cristo revelando-se como Verdade e Salvação só pode sê-lo por referência ao homem porque enquanto Revelação de Deus é auto-revelação do homem, permitindo, assim, a descoberta que o homem vai fazendo de si mesmo<sup>103</sup> e que o leva a ter esperança de que a sua vida não tem um fim porque brilha “a esperança da feliz Ressurreição”, como rezamos no Prefácio de Defuntos I<sup>104</sup>.

---

<sup>100</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Cristologia*. p. 385.

<sup>101</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Carta Encíclica *Redemptor hominis*. p. 29.

<sup>102</sup> Cf. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Cristologia*. p. 384.

<sup>103</sup> Cf. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Jesus de Nazaret*. p. 9-12.

<sup>104</sup> *Missal Romano*. p. 509.

### 3.O MISTÉRIO DO HOMEM À LUZ DO CRUCIFICADO-RESSUSCITADO

“Na verdade, Cristo não me enviou a baptizar, mas a pregar o Evangelho, e sem recorrer à sabedoria da linguagem, para não esvaziar da sua eficácia a cruz de Cristo.

A linguagem da cruz é certamente loucura para os que se perdem mas, para os que se salvam, para nós, é força de Deus. (...) Pois, já que o mundo, por meio da sua sabedoria, não reconheceu a Deus na sabedoria divina, aprovou a Deus salvar os que crêem, pela loucura da pregação. Enquanto os judeus pedem sinais e os gregos andam em busca da sabedoria, nós pregamos um Messias crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios. (...) Cristo é poder e sabedoria de Deus. (...) Considerai, pois, irmãos, a vossa vocação (...). Mas o que há de louco no mundo é que Deus escolheu para confundir os sábios; e o que há de fraco no mundo é que Deus escolheu para confundir o que é forte. (...) É por Ele que vós estais em Cristo Jesus, que se tornou para nós sabedoria que vem de Deus, justiça, santificação e redenção, a fim de que, como diz a Escritura, aquele que se gloria, glorie-se no Senhor” (1Cor1, 17-31).

Este é o pórtico da nossa reflexão.

No primeiro capítulo começámos por colocar a questão originária da nossa reflexão, acerca do sentido da existência humana. Como esta se relaciona com três dimensões fundamentais do ser humano, o mundo, as relações interpessoais e a morte, constatámos que essas realidades conduziam ao problema de Deus, logo, seria Ele a proposta e resposta para as interrogações mais inquietantes do homem.

Deus revelou-se em Jesus Cristo que se fez homem, portanto, a partir da reflexão acerca do Mistério da Incarnação, e da Sua existência respondemos à questão do ser humano concretizando na vida e na pessoa de Cristo. Como a morte constitui para o homem o muro que o impede de avançar na descoberta do seu sentido, propomos neste terceiro momento olhar novamente para Cristo, a partir do Seu mistério da Paixão, Morte e Ressurreição.

Através d’Ele, pretendemos descobrir que a morte não é um obstáculo mas um meio para que o homem se possa encontrar consigo mesmo, com a sua verdade e identidade.

Segundo o mundo, esta sabedoria é atroz, violenta e masoquista mas, porque é obra de Deus, revela-se como o Amor derramado em plenitude sobre todos aqueles que querem configurar-se com o Servo Sofredor tal como Ele se configurou primeiro com os crucificados deste mundo<sup>105</sup>.

---

<sup>105</sup> Cf. BOFF, Leonardo – *Paixão de Cristo - Paixão do Mundo. O fato, as interpretações e o significado ontem e hoje*. Petrópolis: Publicações CID, 1977. p. 160.

A Cruz torna-se um desafio para a humanidade que pretende alcançar a felicidade pela via do comodismo e da facilidade. E o Crucificado é a resposta para o homem actual e aqueles que se sentem escravos e crucificados pelas circunstâncias da vida revêem-se n'Ele e com Ele alcançam a plenitude das suas vidas no sofrimento glorificado. Por fim, nem a Incarnação, nem a Crucifixão teriam qualquer sentido se tudo acabasse na Cruz. Por isso, Deus na Sua misericórdia aproxima-se, mais uma vez, da humanidade dizendo que nunca a criaria para o sofrimento.

A impotência da cruz sinal da potência da morte revela a potencialização da frágil condição humana, de modo que, a humanidade é superada pelo divino. A vocação humana é compreendida, segundo o Apóstolo, à luz desta sabedoria divina que coloca a sabedoria humana na ignorância. Esta só encontra a sua verdade e o saber verdadeiro das coisas mediante a interpretação e revelação do próprio Deus.

A plenitude que o Crucificado tem para dar ao homem é a passagem da morte para a Ressurreição, a vida plena que marca o futuro da humanidade.

### 3.1 O DESAFIO DA CRUZ

O patíbulo de Jesus Cristo é, para os que pactuaram com esta condenação, símbolo do poder, da magnificência, da ambição e da vaidade. Este dinamismo em que se processa a potência contra a impotência, a magnificência sobre a fragilidade, a ambição contra o despojamento e a vaidade sobre a sobriedade, traduz a ideia da Cruz como alienação. De facto, a Cruz é um sinal, embora sinistro, do resultado da ambição, da vaidade, da exploração, da escravidão e da violência quando o próprio homem pretende viver por si e só para si.

A Cruz de Cristo não pretende provar o sentido condenatório com que a política do império rotulava tal execução. Trata-se de ser a prova divina de que tudo o que se identifica com a iniquidade está vencido em Jesus Cristo na Sua morte na Cruz. Ela é a imagem e um argumento incompreensível ao pensamento humano ou para a sabedoria do mundo que tentaram alienar o sentido redentor, esvaziando a própria Cruz e, em muitos casos, até suavizando toda a crueldade que advém dela <sup>106</sup>.

---

<sup>106</sup> Cf. FERREIRA, J. F. – Cruz, sinal de Contradição. In *A Cruz Sinal da Redenção*. Lisboa: Didaskalia. 1986. Coleção Fundamenta. p. 3.

A Cruz vem transmitir um sentido novo ao homem de hoje. O Cristo ontem, hoje e por toda a eternidade é aquele Crucificado que, no Gólgota, Se deu todo e para sempre. Tanto como no monte da caveira como hoje, existem crucificados, existem homens oprimidos e sem sentido para a vida, nas suas relações interpessoais, no seu contacto com o ambiente em que se insere e no seu confronto com a sua realidade mais iminente que é a morte. O ser humano sente o desejo de uma esperança: a plenitude.

Na Cruz do Gólgota jorra essa esperança, brota essa plenitude. Ela [a plenitude] foi derramada e permanece banhada no sangue vivo que se tornou para muitos imagem de ignomínia, ofensa e sacrilégio o que se identifica como o estético ou o belo.

Aquele homem, o Crucificado, está pregado com milhares e milhares de homens. É preso como os agitadores, tratado como os ladrões, manietado como os assassinos e malfetores. É sinal de maldição no mundo daqueles que O não receberam (cf. Jo1, 11). E ainda não é de estranhar que existe, depois de tudo o que se viu e ouviu, uma desproporção entre a Sua vida e o Seu ‘fim’? Se Ele passou a vida fazendo o bem como é que substituem a coroa de folhas de louro pela cruz? Porém, é na Cruz nua e crua que tudo se revela: ela permanece emudecida perante a violência praticada contra o Inocente mas, ao mesmo tempo, grita contra toda a espécie de opressão e escravidão.

A cruz como crime é o resultado, na perspectiva e fé cristã, do pecado da humanidade, é o fruto da suprema injustiça que revela a força da perfeição e a realização da plenitude do mais humano e divino que existe no amor<sup>107</sup>.

O homem civilizado olha-O como um opositor e um agitador político; o mundo reconhece-O como louco. Trata-se de uma ignomínia e de um escândalo porque, para essa multidão, é impossível que alguém se diga Filho de Deus e ‘acabe’ nas mãos dos homens como um miserável entre os miseráveis.

A cruz mostra, pela fragilidade e impotência, o amor credível. Ela é sinal da problemática que perseguiu e persegue a humanidade: o confronto com a morte é o muro da existência, é o abismo da existência do ser humano. Diante dela cessam as imagens e as palavras, o poder e a razão, como anuncia o Apóstolo na carta aos Coríntios. Tudo pretende desvirtuar a Boa Notícia que Deus quer comunicar a partir do Crucificado. Aqueles que assistem a tão grandioso espectáculo olham para a Cruz como uma contradição na tentativa de compreensão da existência de um Deus Crucificado Salvador da humanidade. Haverá alguma possibilidade de conciliação entre a Cruz e a sabedoria do mundo?

---

<sup>107</sup> Cf. DíEZ, Felicíssimo Martínez – *Crer em Jesus Cristo. Viver como Cristão*. p. 522.

A cruz é revelação das consequências de uma vida centrada apenas no homem. Pensar em si egoisticamente ou na indiferença conduz o ser humano para uma prisão que nunca conseguirá libertar-se sozinho. Daí a sua aproximação à religião, ao encontro com o sagrado, com Deus de maneira a *re-ligare* a relação depois de compreender o sentido da Criação. O homem crente diz que sim, experiencia esse sim na sua vida e testemunha que, à luz da sabedoria de Deus, o Crucificado passa do impotente ao Verdadeiro Filho de Deus, o Salvador que redime a humanidade, o Vivente.

“Mas Jesus, com um grito forte, expirou. E o véu do templo rasgou-se em dois, de alto a baixo. O centurião que estava em frente dele, ao vê-lo expirar daquela maneira, disse: «Verdadeiramente este homem era Filho de Deus!» “ (Mc15, 37-39).

A fé abre o significado interior e irrepitível da Cruz e mostra-a como sinal de vitória. O maldito para o mundo na qualidade de Crucificado abre o caminho para a glória. A ignomínia é exaltação, a impotência humana é glória de Deus e plenitude concedida ao homem. Com o seu poder destruidor, a Cruz não quebrou o laço filial, antes reforçou a aliança entre Deus e a humanidade, aliança que exprime a fidelidade divina e a inauguração de uma nova criação. Trata-se da onipotência de Deus revelada no acto do amor que outrora teve significação na criação e com Cristo, o Novo Adão, tem o significado levado ao seu verdadeiro cumprimento.

O Crucificado é o primogénito de uma Nova Humanidade que é gerada pelo Espírito. O Vivente enviou aos nossos corações o Espírito que em nós clama: *Abbá*, ou seja, que nos eleva à qualidade e condição de Filhos de Deus.

“Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob o domínio da Lei, para resgatar os que se encontravam sob o domínio da Lei, a fim de recebermos a adopção de filhos. E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: "Abbá! - Pai!" Deste modo, já não és escravo, mas filho; e, se és filho, és também herdeiro, por graça de Deus” (Gal4, 4-7).

Na plenitude dos tempos abriu-se o sentido do homem: a Cruz manifesta a plenitude que se aproxima de todos os crucificados da Terra, e o Crucificado Ressuscitado é a Vida Nova que os transforma pelo seu Mistério Pascal.

A Cruz transmite uma linguagem redentora. Ela “sem perder o seu vigor como sinal de contradição, transformou-se, assim, para o crente, em sinal de vida plena, em sinal de esperança, em sinal de vitória, em sinal de glória”<sup>108</sup>.

A mística do sofrimento presente na Cruz e revelada pelo Crucificado apresenta-O como o caminho exemplar daquele que é o Justo e sofre a injustiça para conduzir à salvação. Salvação que se encontra na comunhão com Deus através do único caminho que leva à glória e que passa pelos sacrifícios pessoais.

Os textos bíblicos e a doutrina da Igreja anunciam uma conformidade espiritual daqueles que querem alcançar a verdadeira felicidade presente no Cristo Crucificado através da *conformitas crucis* que certifica a salvação e a glorificação, ou seja, a plenitude. Na mística do sofrimento encontra-se a verdade de Cristo como verdade para o Homem porque,

“...os sofrimentos aliviam-se com os sofrimentos e as feridas curam-se com feridas. Pois a dor na dor é falta de amor, a ferida sobre a ferida, o abandono, e a impotência no sofrimento é a incredulidade. Por isso superam-se os sofrimentos do abandono mediante o sofrimento do amor, que não se separa do enfermo e repulsivo, senão que o aceita e o carrega com ele pra o curar. Mediante o seu próprio abandono por Deus, o Crucificado conduz Deus aos abandonados por Deus. Mediante o seu sofrimento, leva a salvação aos que sofrem. Pela sua morte a vida eterna aos que morrem”<sup>109</sup>.

Assim sendo, a linguagem da Cruz é uma linguagem mística que traduz o amor, a redenção, a proximidade e a compaixão de Deus para com a humanidade por Ele criada. No Crucificado, toda a humanidade descobre que os seus próprios sofrimentos são fruto da estrutura social, da sua própria condição natural, da sua situação num mundo hostil e desumano.

A Cruz de Cristo afirma esta compaixão e proximidade junto dos escravizados, dos crucificados do mundo, n’Ele se transporta a sua própria identidade que reduz o que é verdadeiramente humano. No Crucificado está representada a expressão da dignidade humana que também se experimenta na identidade da própria Cruz que contradiz tudo o que define o sofrimento para se tornar uma realidade do Reino. A Cruz encerra um potencial totalmente distinto e nela Cristo é o próprio próximo que sofre mas que n’Ele encontra a força libertadora para a humanidade que vive sem sentido e oprimida.

---

<sup>108</sup> FERREIRA, J. F. – Cruz, sinal de Contradição, in *A Cruz Sinal da Redenção*. p. 10.

<sup>109</sup> MOLTSMANN, Jürgen – *El Dios Crucificado*. 3ª edição. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010. p. 71-72.

Nos evangelhos, a Cruz é condição indispensável para o seguimento porque esta “experimenta-se na cruz do seguimento da fé e do amor, mas a de Cristo precede a esta temporal e objectivamente e pela sua significação escatológica para os ímpios”<sup>110</sup>.

O próprio Deus transportando a Sua cruz comunica a plenitude. O seguimento realizado por cada um carregando a cruz é um convite a que cada homem e mulher estejam implicados, não só por um itinerário até Deus, mas também, por um itinerário até ao interior da sua humanidade. Trata-se de um itinerário em que a cruz não pretende perdurar na sua finitude mas almeja transformá-la através de um acto de amor. A plenitude da existência humana encontra-se na cruz, no sentido em que esta se solidariza com o destino humano e dá-lhe um sentido novo.

Cristo é o Caminho do Homem, é o Homem Perfeito que, pela Sua encarnação, recapitula em Si todas as coisas. Como Mensageiro do Reino Ele anuncia a plenitude

“Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, deparou com a passagem em que está escrito: «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista ;a mandar em liberdade os oprimidos a proclamar um ano favorável da parte do Senhor.» Depois, enrolou o livro, entregou-o ao responsável e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Começou, então, a dizer-lhes: «Cumriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir” (Lc4, 17-21).

N’Ele, com Ele e por Ele, a humanidade atinge a sua verdadeira plenitude. Ele encerra no Seu mistério o próprio segredo do Homem na medida em que a linguagem da Redenção presente na Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo é o exercício da realeza de Cristo que é universal e comunica essa vida em plenitude permitindo ao homem responder à sua própria vocação. Segundo Jürgen Moltmann, a identificação concretiza-se na continuação de modo a completar a paixão de Cristo porque “não só seguem a Cristo pela via da dor, nem se limitam a identificar-se com ele, senão que tomam parte na paixão de Cristo, a continuam e a completam. São introduzidos no mistério da paixão de Cristo, tomando parte nela”<sup>111</sup>.

A Cruz fala à humanidade e a esta cabe-lhe a procura de interpretar o significado desta linguagem, à luz da razão e da fé de modo que o progresso da humanidade, a plenitude do Homem, está no Crucificado que se entrega por todos e por muitos, na medida em que na finitude humana se oferece para a esperança do Reino e glória do homem.

---

<sup>110</sup> MOLTSMANN, Jürgen – *El Dios Crucificado*. p. 91.

<sup>111</sup> MOLTSMANN, Jürgen – *El Dios Crucificado*. p. 83.

“Na verdade, o desequilíbrio de que sofre o mundo moderno liga-se a um desequilíbrio mais fundo, que radica no coração do homem. (...) como criatura, faz a experiência das suas múltiplas limitações (...) sente-se ilimitado nos seus desejos e chamado a uma vida superior”<sup>112</sup>.

O homem vive constringido na sua existência, na busca da sua verdade, mas o Crucificado transmite-lhe a resposta para as suas interrogações. O chamamento a uma plenitude de vida encontra-se na vida e na morte do Crucificado. Da cruz Ele atrai para a verdade de si mesmo, como ser humano e, aproximando-se da sua natureza e sofrimento demonstra que não se trata de um fim mas o início de uma forma de viver.

A cruz como símbolo do cristão não está reduzida a uma obra estética ou a um adorno. Ela em Cristo passou de instrumento de tortura para o verdadeiro meio que testemunha a plenitude da vida do ser humano porque completamente absorvida pela dimensão do amor que a marca. Assim, como é necessário que o grão morra para que dele surja a vida (cf. Jo12, 24), também o homem deve olhar na sua vida para a morte e interpretar a sua condição mortal como um verdadeiro instrumento donde sairá e jorrará a vida. Assim acontece com o Crucificado que revela a resposta para o sofrimento humano e por consequência a resposta para o sentido da sua existência, ainda que frágil e débil.

### 3.2 CRUCIFICADO E O HOMEM

“A paixão e morte de Jesus são compreendidas então como sacrifício para estar em comunhão com Deus e para o perdão dos pecados... Jesus realiza com a sua entrega pessoal na amorosa oferenda ao Pai o que se propunha todo o universo sacral e sacrificial veterotestamentário: chegar a presença de Deus, ver o seu rosto, sentir a sua benevolência e o seu perdão, reencontrar-se com o princípio do próprio ser e responder-lhe com um amor equivalente”<sup>113</sup>.

Jesus é o puro e pleno Dom de Deus ao homem e o sujeito que leva a cabo o projecto que precede e implica todo o seu ser e destino. É dom para o homem porque lhe torna acessível o próprio Deus, dá-lhe acesso à humanidade da plenitude a que é chamado.

---

<sup>112</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO II – *Gaudium et Spes*. AAS 10 (1966) 1032.

<sup>113</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Fundamentos Cristología II*. p. 177.

Cristo viveu o serviço pelos demais, por todos, por muitos. Ele torna-Se a Oferenda e o Ofertante, o Cordeiro e o Sacerdote na solidária atitude que tem a sua expressão máxima na Cruz.

Se na Encarnação tudo e todos foram afirmados, amados e assumidos na Sua própria existência, na Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo encontra-se o gesto culminante de toda a acção do Reino por Ele proclamado e n'Ele já plenamente presente. Do gesto sanador e salvador que o Verbo realiza, segue-se a atitude silenciosa mas extremamente transtornante do Crucificado.

A plenitude prometida e realizada pelo Mensageiro do Reino entra no mundo sem violência ainda que por um acto atroz e violento. Destina-se a todos mas com especial atenção pelos enfermos, pobres e atormentados, portanto trata-se de um Dom do Espírito que gera vida.

O Crucificado é, na vida que nos transmite (embora marcada pela dor), a manifestação da presença de Deus na vida humana; consequentemente, manifestação da vida de Deus como condição e possibilidade para o ser humano de ultrapassar aquilo a que a sua finitude o condena: finitude não prevalecente mas receptora de plenitude e novidade inesgotáveis através de Jesus Cristo. Trata-se de uma solidariedade própria de Deus Pai que, em Jesus Cristo, a transmite ao homem, colocado desde sempre no centro do seu plano salvador de modo que, tanto na paixão como na morte, não revela o quanto o homem é solitário.

Jesus Cristo manifesta-se como o homem verdadeiro. Na sua relação-encontro com Deus inaugura em ordem à existência, a redenção, como possibilidade dada ao homem de ultrapassar o que o impede ser na sua condição natural o que será verdadeiramente e para o que for criado. A atitude divina demonstra o verdadeiro significado da expressão Emanuel.

Se Cristo é o Deus Connosco, é-o no sofrimento e na morte, quando solidariamente se encontra próximo dos que sofrem e morrem.

A humanidade na sua plenitude só pode ser demonstrada e revelada pela divindade porque só ela tem capacidade de ultrapassar tudo o que é condição humana e que impede atingir tal estágio. Como viemos a reflectir, a morte é o momento mais supremo da existência humana e Deus quis ser solidário para com o homem através dela.

Numa cultura, como a de hoje, que tenta reduzir ao silêncio tudo o que tem haver com o sofrimento e a morte, olhemos para as teses que defendem o aborto e a eutanásia.

O cristianismo anuncia que se deve contemplar a Cruz.

Na Cruz, o Crucificado está emudecido mas, ao mesmo tempo, grita ao mundo que o sofrimento não é o fim, não é um obstáculo, não é um mal sem remédio. Na verdade, no sofrimento estabelece-se uma conexão entre a humanidade e Deus. Todos os homens são chamados a participar da Sua glorificação e Perfeição, ou seja, da Sua glória.

Deus vem à história do homem, mas o homem é na história que se sente agraciado, visitado. É reclamado por Deus na medida em que, como seu legítimo Criador, o chama a uma aliança, prometendo-lhe um projecto e confirmando-lhe a esperança numa vida de plenitude que o homem não consegue encontrar sozinho, por ele, nele e no universo que o rodeia.

“A criação e encarnação, a morte e a ressurreição são fases sucessivas de um projecto único de Deus, todo ele ordenado desde sempre à divinização do homem. Uma natureza pura do homem, ou seja, sem uma vocação simultânea à graça, não terá existido nunca, já que o olhar de Deus colocado desde sempre na encarnação do Filho com a conseguinte divinização dos homens”<sup>114</sup>.

Deus ocupa-se do homem e preocupa-se com ele, dá-se incondicionalmente de modo a que a humanidade seja capaz de participar da partilha que Deus lhe possibilita, ou seja, Ele compartilha a Sua realidade.

Como revelação de Deus, Jesus Cristo é compreensão do próprio homem. O Reino é a acção de Deus para com a realidade e condição humana porque notifica e antecipa a presença de Deus mas manifesta a possibilidade do encontro com o Divino que permite ao homem realizar-se e encontrar-se com a sua plenitude, com a salvação. Como se expressou na encarnação que vai para além de si, tornando-se num outro e no Outro para o homem, a humanidade revê-se n’Ele como sua própria expressão, descobrindo n’Ele o seu caminho, a sua verdade e fundamentalmente a sua vida e plenitude.

Deus assume o todo humano, excepto no pecado, porque seria negar-se a Si próprio, e neste Seu assumir encontra-se a plenitude pela qual o homem anseia. Cristo, ao integrar a Humanidade no seu mistério, permite que o ser humano possa ser compreendido nesta vertente. Ele concede ao ser humano que se torne participante de uma vida que vai para além do que é efémero e desaparece.

---

<sup>114</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Fundamentos Cristologia II*. p. 766.

“O homem é destinatário, receptor e fruto da glória de Deus”<sup>115</sup> e se, em Jesus Cristo, o Filho é glorificado e n’Ele, com Ele e por Ele o é também o Pai, também é no próprio Deus que o homem é glorificado.

Se o Crucificado é o ponto de referência de toda a existência humana<sup>116</sup> então é na teologia da glória que se encontra a teologia da cruz, na qual o homem é exaltado pelo próprio rebaixamento de Deus.

A realidade da plenitude identifica-se então com a ideia de solidariedade que se presencia neste caminhar até à cruz que se realiza no Gólgota. A existência como Servo transmite ao homem que o próprio Deus compartilha das suas dores e angústias, vai ao encontro do que o perturba e acompanha-o nesta busca de sentido na qual somente Ele pode ser o único.

A liberdade divina expressa na atitude do Servo manifesta a liberdade e plenitude porque a Cruz é o sinal de Deus para a Sua reconciliação com a humanidade conduzindo-a à redenção. Tudo converge para a cruz: céus e terra, e nela tudo é superado, quer o cansaço da existência quer a dureza da vida porque o Deus absoluto e único desempenha tal como homem o papel que até então nunca ninguém desempenhou. Solidariza-se com todos os homens e fá-los participantes da Sua Cruz, única revelação do amor do Pai derramada pelo Sangue do Filho e realizada no Espírito Santo que eleva para a comunhão e para a plenitude no coração dos homens. Assim, a Cruz é a hora do encontro em que a finitude da criação se confronta com a plenitude divina.

O Crucificado da história vive na confiança de que quer acolher toda a humanidade em toda a Sua pessoa. Para isso derrama o baptismo definitivo em que abre, pelo amor divino, a possibilidade de que todos na sua liberdade finita alcancem os novos céus e a nova terra, a plenitude. Ele é a imagem do Deus invisível e a imagem do homem visível porque pela Cruz se descobre Deus em sofrimento causado pelo homem. Entre ambos acontece um conflito: entre o Deus humanado e o homem que se quer divinizar<sup>117</sup>. Por isso é que a Cruz constitui-se como escândalo e loucura. A palavra da Cruz faz-nos participar do acontecimento divino, da comunhão com Cristo com base no sucesso da ressurreição do Crucificado. A crucifixão vai muito mais além do que qualquer palavra pode comunicar: revela que o Crucificado é mais do que a própria palavra da Cruz.

---

<sup>115</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Fundamentos Cristología II*. p. 876.

<sup>116</sup> Cf. VON BALTHASAR, H. U. – El misterio pascual. In *Mysterium Salutis: III: Cristo*. Dir. J. Feiner e M. Lohrer. Madrid: ed. Críandade, 1971. Tomo II. p. 146.

<sup>117</sup> Cf. MOLTMANN, Jürgen – *El Dios Crucificado*. p. 99.

A morte de Cristo é incompreensível sem a Sua vida; o sentido da Morte de Cristo não é compreensível sem a Ressurreição. O Crucificado é interpretado à luz da ressurreição e daqui se ilumina o futuro do homem com Deus e em Deus que vem e entra na história para dar à humanidade um futuro de plenitude.

O Crucificado representa, para os cristãos, a imagem mais comovente da misericórdia de Deus e do seu amor face ao homem. A misericórdia e o amor contrapõem-se à violência vivida no suplício horrendo da cruz. Tudo conduz à incompreensão sobre a missão do Crucificado que é Filho de Deus.

José Maria Castillo admite como proposta duas possíveis respostas para o entendimento do Crucificado <sup>118</sup>:

1. Que Jesus morreu por culpa própria;
2. Que é possível a explicação sobrenatural sobre a morte de Jesus;

Pela primeira perspectiva a reflexão conduz-nos que a morte de Jesus foi consequência das suas acções e, portanto, é o fim da sua própria vontade. Mas segundo a última perspectiva podemos afirmar que a morte de Cristo é uma realidade da própria vontade de Deus que se realiza na obediência livre de uma existência perante as exigências da divindade.

Mediante a Ressurreição, Cristo é exaltado como *Kyrios* porque não foi ressuscitado como um mero homem, mas sim como Mediador entre os homens que caminham entre caducidade e Deus. N'Ele se revela o futuro em Deus, aquele sentido salvífico especial e único. A Ressurreição qualifica o Crucificado e a Sua Paixão e Morte como o Cristo e o acontecimento salvador de todos. Trata-se do acontecimento do sucesso do amor libertador que expressa o rosto de Deus e o Seu Reino, porque é “em primeiro lugar sua morte de cruz a que revela a importância da ressurreição; pois substituindo a todos, Jesus terá introduzido na miséria humana a glória que nele se antecipa” <sup>119</sup>.

Cristo oferece o benefício de uma nova vida. A plenitude da graça não é alcançada pelo *homo incurvatus in se* mas é existente para todos os que se configuram com Ele quando se reconhecem n'Ele. A plenitude está na base de uma nova justiça e de uma nova criação.

Crer no Crucificado é deixar-se aprisionar pela confiança de um chamamento que configura os que “aceitam crucificar as suas expectativas na Cruz de Cristo e não Cristo na cruz das suas expectativas” <sup>120</sup>.

---

<sup>118</sup> Cf. CASTILLO, José Maria – *La Humanización de Dios*. p. 285-288.

<sup>119</sup> MOLTSMANN, Jürgen. – *El Dios Crucificado*. p. 213.

<sup>120</sup> FORTE, Bruno – *Eis o Mistério da Fé*. 2ª edição. Prior Velho: Paulinas, 2012. p. 6-7.

A confiança de Deus nos homens é ilimitada quando estes são igualmente ilimitados nas suas infidelidades, contudo, Ele continua a ser o Deus Connosco, o Emanuel que vem ao encontro da dor, do sofrimento, da falta de sentido a procura dar o conforto, consolação, rumo, nem que seja pela voz de um subtil silêncio (cf. 1Re19,12).

Na Cruz, a pergunta do Moribundo “Meu Deus, meu Deus porque me abandonaste?” (Mt27, 46) atravessa as perguntas da humanidade *Quem sou? Porque vivo? Qual o meu futuro?* num momento de vida semelhante à crucifixão. A circunstância concreta da vida de Jesus pregado na cruz obteve, com a glória da Ressurreição, a resposta de Deus de que não foi abandonado. Assim, também o homem, perante as suas interrogações, obtém de Jesus Cristo a certeza de que a sua vida presente não será igual no futuro: efémera, profundamente ‘condenada’ à morte. “Se o Enigma e Mistério de Deus fez-se visível para nós e tangível ao humanizar-se e revelar-se o Transcendente num ser humano, o homem Jesus de Nazaré”<sup>121</sup>, podemos afirmar que o homem pode visibilizar no fracassado preso a um madeiro o seu próprio mistério que mediante a morte nua e crua fica sem qualquer resposta.

O Crucificado dá a própria, única e verdadeira resposta. Ele abre o horizonte da vida e da felicidade que encontra numa situação de carência a salvação. Esta situação de carência pode ser identificada com o período ou todo o dinamismo percorrido pelo ser humano em busca de si mesmo. Eis aqui a comunhão do Crucificado com todos os crucificados da terra. A solidariedade do Crucificado é a base da plenitude do homem, do sofredor, dos que experimentam o seu exílio da vida mergulhados na sede de sentido.

“O discípulo do Deus Crucificado sabe que nenhuma justiça poderá construir-se sobre a injustiça, nenhuma reconciliação sobre a vingança, nenhuma paz sobre a violência ou a exploração. (...) A impotência de Deus é mais forte do que o poder dos homens! A debilidade do amor, vivido em união com a oferta do Filho abandonado, é a única vitória que vencerá o mundo”<sup>122</sup>.

Percebemos, deste modo, que o mistério do homem iluminado pelo mistério de Deus revelado em Jesus Cristo é manifestado como bem-aventurança, a chave da felicidade que em Deus adquire não só uma nova vida mas também a verdadeira e única vida que a humanidade alguma vez já sonhou.

---

<sup>121</sup> CASTILLO, José Maria – *La Humanización de Dios*. p. 309.

<sup>122</sup> FORTE, Bruno – *Eis o Mistério da Fé*. p. 73.

Jesus é o Salvador (cf. Jo4) porque vem ao encontro das carências humanas, das vidas sedentas e do alto deixa-se rasgar para que d'Ele, a fonte da água viva, brote e jorre sem cessar a água que humaniza o mundo, que diante e no próprio sofrimento do ser mortal revela o seu sentido para a imortalidade <sup>123</sup>. Para o homem a morte é a realidade que o impede de avançar na busca do seu sentido. Em Jesus Cristo tudo toma outra dimensão. Já não se trata obstáculo, já não há penumbra nem qualquer encobrimento porque com a sua morte rasgou-se o véu.

Na cruz a relação filial entre o Filho e o Pai revelou-se pela obediência, como na Ressurreição a fidelidade demonstrou a verdade da relação paternal entre o Pai e o Filho. E nesta relação damos-nos conta que, “a sua morte é, mais do que uma acção dos homens contra Ele, uma acção d'Ele em favor dos homens” <sup>124</sup>. No Crucificado obtemos o sentido da vida humana pela graça da filiação traduzida na dimensão do amor em acto que faz do ser humano participante do próprio plano divino numa existência que glorifica Deus e o próprio homem mesmo na sua morte e caducidade <sup>125</sup>.

A chave de interpretação para a vida do ser humano encontra-se na sua própria compreensão que este Deus que o chama e o convoca a um projecto de amor e felicidade é um Deus de vivos e não de mortos (cf. Mt22, 32). Logo, a sua existência não é confinada a um futuro de morte mas completamente e verdadeiramente destinada à vida em Jesus Cristo <sup>126</sup>, porque, “o significado salvífico de Jesus não se limita exclusivamente à sua morte. Mas esse significado adquire, na morte de Jesus, a sua última clarificação e carácter definitivo” <sup>127</sup>. Apesar de parecer um fracassado, Crucificado “é, sobretudo, a maneira essencial de ser homem, de levar a humanidade à plenitude.

A paixão e morte de Jesus mostram que ser homem em plenitude significa permanecer fiel à vontade do Pai até à entrega total da vida” <sup>128</sup>. Só entregando a sua vida o ser humano descobre e alcança a resposta à sua interrogação. É o desprendimento de tudo e de todos, é a vivência da liberdade como acto supremo da existência, é a restauração divina que se opõe à lógica de castigo do mundo. É a constatação real de uma recriação bela na ordem da criação em que o escândalo e loucura que não aceitam um Deus crucificado, é motivo de confusão do que é mundano, é revelação e exposição da falsidade e das aparências que condicionam a própria condição humana.

---

<sup>123</sup> Cf. CASTILLO, José Maria – *La Humanización de Dios*. p. 321.

<sup>124</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Jesus de Nazaret*. p. 150.

<sup>125</sup> Cf. AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 117.

<sup>126</sup> Cf. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Jesus de Nazaret*. p. 10.

<sup>127</sup> KASPER, W. – *Jesus, el Cristo*. p.150.

<sup>128</sup> Díez, Felicíssimo Martínez – *Crer em Jesus Cristo. Viver como Cristão*. p. 393.

No Crucificado revelam-se a divindade e a humanidade. Ele revela o rosto autêntico de Deus e do Homem, do Deus misericordioso e fonte única para a existência e do homem ferido que procura essa mesma fonte. Por Ele encontra-se o caminho que permite encontrar a cura do ser humano na plenitude do amor do Ressuscitado. a dignidade humana é alcançada plenamente pela fidelidade do Pai que não se encontra nos mortos mas na certeza da vida para a qual deseja que o homem alcance <sup>129</sup>.

### 3.3 O CRUCIFICADO-VIVENTE PLENITUDE DO HOMEM

Chegou-se à conclusão que o caminho percorrido pelo homem à procura da sua identidade pode ser realizado num encontro entre ele e Deus. Ao contemplar o mistério do evento Cristo, é permitido ao ser humano fazer experiência de viver em comunidade com Deus <sup>130</sup> e, assim, procurar compreender-se através de toda a acção de Jesus Cristo, da Sua Pessoa, das suas palavras e gestos a partir da confirmação de Deus Pai na Ressurreição.

A plenitude que o homem tanto deseja está na sua configuração com o Crucificado Vivente porque n'Ele se revela o desejo eterno de Deus para a humanidade e, através d'Ele e com Ele, o Homem alcança a sua verdadeira identidade sendo filho no Filho.

Pelo Espírito do Ressuscitado não só entramos em contacto com a existência e a verdade de Cristo como penetramos no significado da existência humana, entendendo-a à luz do mesmo Espírito. Sendo assim, a plenitude do homem está na concretização deste encontro com Cristo que nos constitui capazes para viver uma existência em fidelidade ao Seu projecto e na missão de uma nova humanidade mais humana.

“No encontro com o filho fazemos em identidade de acto o encontro com o Pai, ou seja, com o Absoluto feito palavra, mostrado como amor, oferecido como vida perene. Encontro que permanece possível para todo o homem, em qualquer que seja a época da história, contanto que lhe chegue o seu anúncio claro em palavras e fiel em obras. A convicção de que em Cristo, só em Cristo e definitivamente em Cristo, os homens fazem o encontro com Deus, ou seja, encontram a salvação (...)” <sup>131</sup>.

---

<sup>129</sup> Cf. Díez, Felicíssimo Martínez – *Crer em Jesus Cristo. Viver como Cristão*. p. 437.536.

<sup>130</sup> Cf. AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 187.

<sup>131</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario - *Jesus de Nazaret*. p. 538-539.

Cristo é imagem de Deus Invisível e é o Homem Novo em que a humanidade descobre a vocação à plenitude porque, segundo González de Cardedal, Ele torna-se lugar pessoal do nosso encontro com Deus e lugar de divinização <sup>132</sup>, onde se realiza o ideal humano da moral, da santidade, e da esperança.

Pela Ressurreição, Deus aproxima-se do homem resgatando-o do poder da morte, do poder que oprime o seu sentido para a vida. Cristo apresenta-se como Mediador e chave que abre a porta da nova criação levando a humanidade à sua realização máxima.

Deus revela-se como esperança, permanecendo solidário com o homem e não o deixando entregue à sua condição. Pelo encontro de Deus com homem brota a certeza de que o homem criado à Sua imagem e semelhança não é somente criatura mas filho, não é somente mortal mas um ser aberto ao princípio de uma vida que não tem fim, porque convidado a participar da vida divina.

“Só na confiança dedicada ao Pai e à sua infinita potestade sobre as forças do mal pôde ser assumida, sem que esta abertura religiosa lhe arrancasse toda a mortal negatividade que nos assalta, aos humanos. Por isso pôde em toda a verdade de homem, convocado a morrer e chamado à vida, perguntar ao Pai se aquilo era um abandono radical e rogar-lhe que o libertasse dessa hora fatal. Nas mãos de Deus dirigiu-se a vida de Jesus à morte e pela mão de Deus culminou na ressurreição” <sup>133</sup>.

A solidariedade de Deus para com a humanidade encontra-se nesta existência experimentada por Cristo, no plano da Sua existência que transcende a própria morte e a caducidade. Sendo a Ressurreição entendida como glorificação, é a glória de Deus que se manifesta vitoriosa sobre a morte e é revelação suprema que, por Cristo, o homem encontra a sua plenitude porque n’Ele a humanidade foi glorificada.

Trata-se da garantia de que a plenitude está na nova criação, na esperança de uma humanidade iluminada pelo Espírito do Ressuscitado que testemunhe que a vida do homem só tem sentido nesta experiência de encontro com Deus <sup>134</sup>. O encontrar-se com Deus significa segui-l’O e o seguimento significa descobrir n’Ele as possibilidades e potencialidades humanas que o ser humano pode encontrar para vencer a sua condição de finitude.

O Crucificado Ressuscitado desvela assim o mistério do homem da mesma forma que desvela o Seu próprio Mistério.

---

<sup>132</sup> Cf. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Cristologia*. p. 491.

<sup>133</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Jesus de Nazaret*. p. 375.

<sup>134</sup> Cf. AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 113-123.

Deus quer encontrar-se com o homem, o Criador quer vir ao encontro da criatura, o Pai quer estar com os seus filhos e com eles caminhar mesmo nas adversidades, mesmo nos seus sofrimentos e angústias, mesmo nas suas alegrias e dúvidas. Em Jesus Cristo inaugura-se uma nova relação que é redentora, que é salvífica, que conduz a humanidade a descobrir a sua própria identidade.

“Jesus se afirma a si mesmo como quem decide o destino do homem, já que a decisão do homem perante Ele comporta a decisão perante o Pai; por conseguinte, como aquele que a partir dessa comunhão com o Pai não só promete apoiar a oração dirigida a Deus em seu nome, mas inclusive conceder a salvação. A oração em nome de Jesus, sobretudo a oração comunitária é o lugar do encontro com Deus, é o âmbito da salvação”<sup>135</sup>.

Como sugerimos no primeiro capítulo, o homem foi objecto de confronto na sua procura de resposta relativa à sua questão existencial, à sua relação com os outros. Concluiu, contudo, que essa reflexão, não lhe permitindo responder à questão sobre o sentido da sua existência, lhe abriu portas para outras interrogações.

O que acontece com Jesus Cristo é diferente. Ele apresenta-nos a Sua vida como fundamento da vida humana que não pode estar alheia à vida dos seus semelhantes tal como o próprio Deus não foi alheio à vida da humanidade por Ele criada. Assim como Deus se aproximou de todos os homens e revelou o significado da sua vida-missão junto deles, assim também, cada homem e cada mulher devem reflectir e discernir o seu sentido de vida em favor dos demais.

A plenitude da vida deu-se em Jesus Cristo quando Ele veio para se dar todo por todos demonstrando que a plenitude da vida para a humanidade é descoberta quando a vida for vivida em favor de todos.

No encontro com o Ressuscitado encontramos-nos com Deus e com o homem porque o Ressuscitado é o Crucificado Vivente, imagem do homem celeste, o novo Adão que torna possível uma nova humanidade que tem a certeza que “o fim não é a morte, mas a vida, aquela a que chamamos eterna por ser participação íntima na própria vida divina”<sup>136</sup>.

A Redenção tem a ver com a totalidade da pessoa de Jesus Cristo e tem a ver com a disponibilidade do homem para acolher esse Dom. O homem, sedento de plenitude, não encontra em mais ninguém a resposta fundamental para alcançar a sua própria realização.

---

<sup>135</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Jesus de Nazaret*. p. 106.

<sup>136</sup> AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 125.

Jesus Cristo é a plenitude. Tudo se presencia no amor, tudo se encontra na capacidade de doação que o próprio Deus fez questão de manifestar e assim, afirmar à humanidade que a sua vocação se encontra intimamente ligada a Deus. Cristo interpreta sentido da vida humana pelo amor livre, verdadeiro e profundamente universal <sup>137</sup>.

Cristo é “a plenitude que vem de mais além e avança mais além d’Ele. Plenitude plenificada por Deus (...)” <sup>138</sup> e irradia-a para a humanidade. Nele se consuma toda a realidade e se antecipa a perfeição a que todos somos chamados. Apesar de o plano de Deus se realizar por uma acção humana e, não significa que é resultado puramente humano, ou seja, Deus manifestou-Se Incarnado e morrendo como homem numa cruz, mas é por dom de Deus que Ele ressuscita e concede a vida a quantos acreditam n’Ele e o seguem.

A meta definitiva do humano é paradigmaticamente Cristo que expressa a universalidade da salvação como consumidor da humanidade e do mundo, ou seja, como Aquele que conduz tudo e todos ao Pai para que estes se tornem participantes em sua própria filiação e plenitude. Somos convidados a participar, somos chamados ao mesmo destino de Cristo, através de um processo de adesão para que possamos viver em comunhão e integrados na plenitude e novidade inacabáveis de Deus.

Deus não anula a criação mas eleva-a à consumação porque torna o homem participante da plenitude em Cristo e com Cristo. Querer que a vida humana seja plena ou alcance a plenitude não significa uma substituição do próprio Deus.

Queremos com isto afirmar que plenitude significa buscar a Cristo, Redentor do Homem, que oferece a redenção pela possibilidade da realidade filial que Ele mesmo inaugurou. Como filhos no Filho somos chamados a viver em conformidade com a Sua vida para receber a vida em abundância. Tal acontece num dinamismo próprio de Deus e possível para o ser humano que se manifesta numa semelhança com Ele no morrer, na compaixão, no conviver e no ressuscitar, ou seja, que a nossa vida se torne geradora de vida, como afirma o Apóstolo: “Ora, o Senhor é o Espírito e onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade. E nós todos que, com o rosto descoberto, reflectimos a glória do Senhor, somos transfigurados na sua própria imagem, de glória em glória, pelo Senhor que é Espírito” (2Cor3, 17-18).

O Crucificado-Ressuscitado é a nossa plenitude, é a plenitude de toda a humanidade porque como o Caminho, Ele conduz-nos à Vida e à Verdade do seu mistério que garante a esperança para todo o ser humano.

---

<sup>137</sup> Cf. AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 154-155.

<sup>138</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Fundamentos Cristologia II*. p. 885.

Somos conduzidos ao conhecimento e encontro entre Deus e o homem, ao mistério de Deus e ao mistério do homem, ao fundamento da criação que, no Ressuscitado, encontra a segurança da vida futura prometida ao coração inquieto e sem sentido.

O Crucificado-Ressuscitado tomou o nosso destino, introduziu-o numa condição nova e irrepetível de modo que a nossa existência se torna participante do amor do Pai; a novidade do Evangelho é oferecida a todos e a verdade da Cruz e da Ressurreição torna-se a verdade da humanidade que, com o ‘sim’ de Deus, aí encontra a sua esperança, o seu sentido.

Se o Crucificado se aproxima do que mais atormenta o homem na sua debilidade e caducidade, o Ressuscitado aproxima-se da nossa existência oferecendo rumo novo que desafia os corações a arriscarem, se quiserem renovar, alcançar, atingir a plenitude. Este risco exige que tudo seja por amor tal como no ‘sim’ da anunciação e no ‘sim’ da cruz.

O Crucificado-Ressuscitado envolve-nos e contagia-nos pela história do Amor Eterno que deseja viver com a Humanidade e que todo o ser humano viva como o *Ámen* cantado e vivido, derramado e oferecido a Deus.

“O amor é, assim, uma antecipação do destino último do homem: a ressurreição. E se o amor é o supremo da vida, na sua plenitude antecipa-se já a existência ressuscitada. Onde Deus actua a última palavra não pertence à morte mas ao amor. Isso significa a ressurreição”<sup>139</sup>.

A afirmação do outro pelo amor é a afirmação de Deus em nós por amor, que não se traduz numa atitude de posse mas na manifestação suprema da liberdade e da vida que plenifica o sentido da Criação. A Ressurreição não pretende tornar o homem como escravo da sua condição e de Deus, revela antes a pura gratuidade, a vida que emana do Crucificado Ressuscitado e nos envolve na sua vida plena e perene.

Jesus Cristo testemunha a abertura do ser humano ao Mistério de Deus e concretiza-o profundamente na realidade da Ressurreição, de modo que, “agora já nada impede que o ser humano seja a partir de Deus e que Deus seja totalmente para o ser humano. A concretização desta comunhão plena sempre foi o grande objectivo de Deus”<sup>140</sup>.

A Ressurreição traduz o dom gratuito de Deus mas o seu significado fica vazio se não for compreendido em favor do homem com a sua colaboração, envolvimento e consentimento.

---

<sup>139</sup> GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Cristología*. p. 157.

<sup>140</sup> AMBROSIO, Juan – A ‘marca’ da Ressurreição. *Didaskalia*. Lisboa. 38: 2 (2008) p. 279.

Abre-se a possibilidade iniciada na Encarnação de modo que assume plenamente a humanidade, identificando-a totalmente com o seu Mistério. Trata-se ontologicamente de uma solidariedade porque afecta a vida de cada um, configura todo o homem porque, se fomos crucificados com Ele, também somos chamados a viver ressuscitados a partir do Seu próprio Mistério. A história da humanidade é escrita como história de salvação com a *marca* da Ressurreição que mostra que a vontade de Deus certifica que a vida do homem, apesar da sua condição, não se esbarra nos obstáculos que, à primeira vista, o impedem de alcançar a plenitude.

A Ressurreição é o selo de Deus que abre a possibilidade de assumir um compromisso que nos eleva para aquilo que profunda e totalmente desejamos porque, pelo Crucificado que amou os seus que estavam no mundo até ao fim, revela que a vida do homem não tem outro sentido se não for plenamente vivido neste amor. A plenitude prometida ao homem pode ser já experimentada no mundo pela via do amor que tudo transcende.

Concluimos este capítulo evocando o hino à caridade. Por ele temos escrito a vida em plenitude incarnada no Crucificado. Ele que manifesta-a como caminho do homem, como sentido para a vida da humanidade.

“Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, sou como um bronze que soa ou um címbalo que retine. (...) Agora, vemos como num espelho, de maneira confusa; depois, veremos face a face. Agora, conheço de modo imperfeito; depois, conhecerei como sou conhecido. Agora permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor; mas a maior de todas é o amor” (1Cor13, 1-13).

A perfeição e a plenitude de todos os carismas, e portanto, o sentido verdadeiro da própria vida humana à luz do Crucificado-Ressuscitado é o amor que deriva de Deus. O homem pode ser dotado de muitas outras capacidades, pode descobrir-se e sentir-se realizado em muitas acções e gestos que realiza, mas nada o fará encontrar-se e alcançar a plenitude que provém de Jesus Cristo se não for à luz deste amor. Este amor ultrapassa todos os limites imagináveis.

O Crucificado revela o sentido da vida pelo amor generoso, espiritual e concreto que embora incompreensível para a mente humana, à luz da fé é rasgado o véu que encobria qual o desejo de Deus para o homem porque “só com o sacrificio de Jesus na cruz o homem terá experimentado o que é o verdadeiro amor”<sup>141</sup>, e portanto, a verdadeira vida.

---

<sup>141</sup> KUSS, Otto – *Carta a los Romanos. Cartas a los Corintios. Carta a los Gálatas*. Barcelona: Editorial Herder, 1976. p. 276.

## CONCLUSÃO

Tendo em conta a problemática a que procuramos responder ao longo desta dissertação, a síntese a que chegamos é que, na verdade, o homem encontra em Jesus Cristo Crucificado e Ressuscitado a plenitude que tanto busca. Esta plenitude só pode ser compreendida pelo dom da Fé, logo, o percurso que utilizámos só pode ser compreendido se, na base da sua busca, o homem receber esse dom que o permite aproximar-se de Deus.

Não era nosso objectivo desenvolver a questão da fé como meio principal para o homem reconhecer que faz parte de um projecto de Deus, mas tal questão está implícita nesta reflexão.

À medida que íamos reflectindo, surgiram pormenores interessantes que podem ser alvo de posteriores desenvolvimentos: referimo-nos à reflexão da questão existencial do homem com a possível consciência de Cristo em relação à sua missão; ao valor e sentido da morte de Cristo como expiação ou sacrifício e o sentido soteriológico da ressurreição com vista à dimensão escatológica que o homem pode esperar. São perspectivas que levariam a outras reflexões certamente muito ricas e que, de certo modo, podiam complementar o objectivo deste trabalho.

A fé cristã tem como base o mistério Pascal de Cristo. A partir da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, o crente (e a toda a Humanidade) pode descobrir a sua vocação porque, por Ele, a vida humana é elevada, da mesma forma que a Lei é levada ao seu cumprimento. E como a cruz e a pedra do sepulcro são sempre intransponíveis para as nossas forças, assim, a própria condição humana necessita do trabalho de Deus para ser compreendida.

Na cruz e pelo Crucificado, o homem vê e revê-se na imagem do Filho do Homem levantado e trespassado, dando-se conta da violência e malvadez humanas, postas a descoberto naquele rosto desfigurado, naquelas chagas abertas, naquele sangue a escorrer. Aqui se presencia o sentido e a plenitude da vida revelada pelo próprio Deus: Ele abraça a violência humana como única maneira de a absorver e de a dissolver. A cura não é realizada por um acto mágico, mas o remédio que o ser humano tem à disposição para se realizar como tal e viver plenamente está diante dos nossos olhos: é o amor.

O homem e o Cristianismo confrontaram-se com os mesmos ‘nós existenciais’, contudo, o ser humano procurava a resposta, conforme as suas capacidades, e deparava-se com um muro impossível de ultrapassar por si só. O Cristianismo enraíza-se, por sua vez, numa liberdade, numa esperança e numa alegria que tem o seu fundamento e plenitude em Deus.

Na dádiva do Seu Amor incondicional, livre e gratuito, em Jesus Cristo realiza-se a abertura a um projecto de comunhão salvífica. Comunhão porque não se destina a uma só pessoa, nem se concretiza apenas nessa mesma pessoa. Salvífica porque pressupõe uma mudança, uma transcendência, uma novidade radical naquela que é a condição humana. Não se trata somente da revelação de Deus, ou seja, do que Ele quer ser para os homens, mas trata-se também do que Ele quer que os homens sejam. Revelando-Se amável e reconhecível possibilita que todos tomem parte de uma existência que vai para além do que é meramente ‘normal’, ou seja, daquilo que é estritamente natural do ser humano. Jesus Cristo transmite esse destino e essa existência. Para que o homem alcance o sentido dessa existência terá que não ficar apenas pela procura. Segundo a reflexão de Olegario González de Cardedal, pela experiência do encontro, o homem pode alcançar a descoberta de si próprio. Porque “ninguém pode ser sozinho”<sup>142</sup>, o ser humano necessita de um outro que não se identifica com o outro semelhante a si e na mesma condição, mas com o outro que o faz desenvolver, realizar e transcender. É a necessidade de um ‘Tu’ que o ‘Eu’ reclama, pois o homem pode e deve abrir-se para mais além.

No homem, o finito reclama o infinito e a escassez reclama a plenitude. O ser humano sente-se atraído por Alguém que o transcende e, desde aqui, a possibilidade de uma experiência religiosa. A necessidade do encontro é concretizada nesta relação entre o ‘Eu’ efémero e o ‘Tu’ transcendente que para o Cristianismo e para o crente tem um nome: Deus revelado por Jesus Cristo.

A identidade de Jesus de Nazaré, o Cristo de Deus brota do Seu próprio e íntimo encontro com Deus Pai que a partir dessa relação se manifesta a missão do próprio Ungido. Missão que revela uma relação filial profundamente marcada pelas dimensões da fidelidade e da obediência como constitutivas do seu próprio ser.

No encontro com o Crucificado-Ressuscitado, o homem encontra-se com o fundamento que o chama a uma vida plena, à própria vida de Deus. Pelo Espírito do Vivente é concedida a todos a graça da experiência do encontro com Deus em Jesus Cristo, como filhos no Filho. A verdadeira humanidade tem como condição a verdadeira divindade, e que Deus em Jesus Cristo revelou em plenitude, de modo que Ele é o Caminho que conduz à vida verdadeira e que liberta a humanidade para a felicidade porque “é o próprio agir de Deus que se converte, assim, em pauta do agir dos homens, á a sua bondade que se torna a norma que a bondade deve pretender alcançar, é o seu amor que surge como medida de todo o amor humano”<sup>143</sup>.

---

<sup>142</sup> AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 202.

<sup>143</sup> AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. p. 187.

É certo que, como crentes enraizados na fé em Jesus Cristo, sabemos que alcançaremos a plenitude na escatologia. Contudo, é-nos dada a possibilidade de viver já essa experiência pessoal com total referência a Deus como uma verdadeira realização humana pela participação na liberdade e na consciência filial concedida pelo Espírito do Crucificado-Ressuscitado.

A humanidade reconhece-se como dom a partir do Espírito d'Aquele que se doa a Si próprio e, assim, revela a vocação de todo ser humano que se apoia n'Ele que é totalmente fiel. Mas do que a subsistência, a preocupação primordial humana para o crente é que é convocado e, portanto, chamado para uma vida nova como gérmen de uma nova humanidade segundo o desejo de Deus. "Cristo é o primogénito de toda a criatura" (Col1, 15), desta Nova Criação em que todas as coisas em Si se recapitulam, ou seja, em quem o ser humano se configura.

Esta configuração torna compreensível e real a consciência do homem se entender, porque a revelação do mistério de Deus revela o próprio mistério do homem. Ele alcança a plenitude a partir desta revelação que ilumina o seu viver.

Podemos concluir que o tempo escandaloso da Cruz permite ao homem recuperar o tempo que gastou inutilmente sozinho a tentar ir mais além de si pelas próprias forças. Esgotou-se e caminha agora com dificuldade mas o Crucificado manifestado como Ressuscitado anuncia o tempo da graça que o envolve, o restaura e o fortalece para que possa continuar a viagem da vida, o peregrinar da sua existência.

Aqui se efectua um cruzamento de olhares: o homem, na sua inquietude, olha para Deus e Deus para ele e por ele. Deste modo o olhar humano fixa-se em Jesus crucificado, trespassado, desfigurado, transfigurado. Então o Crucificado-Ressuscitado que preside à nossa vida deixa de ser uma utopia: torna-se lugar de felicidade, de plenitude porque Ele está disposto a encher as nossas mãos, a nossa vida, o nosso coração e, desta forma, a totalidade da nossa existência nessa fonte de graça, comprometendo-nos a transformar o sem-lugar do mundo e, particularmente das nossas vidas, em lugar feliz.

Não se trata portanto de tomar a atitude de procurar egoisticamente o bem próprio. Tudo isto reflecte-se na consciência de que o homem, embora viva com uma questão existencial pessoal, não a resolve na individualidade.

Apesar de comunitariamente não encontrar o sentido da vida, este manifesta-se e concretiza-se não só na sua relação pessoal com Deus.

Em Jesus Cristo, se concretiza como lugar de encontro de mediação, mas também na plenitude da vida que é alcançada pela experiência da vida crucificada e comum a tantos outros que vivem crucificados com as atrocidades da vida. Trata-se de, em comunidade, procurar viver em comunhão, ou seja, viver na solidariedade fruto da redenção de Jesus Cristo que também quis solidarizar-se com a humanidade inteira.

Como não há expressão de maior amor do que o demonstrado por aquele que dá a vida pelos amigos, também não há vida mais plena que possa ser alcançada se não for configurada no evento Cristo que a justifica como certeza de que ser imagem e semelhança de Deus é tornar o homem filho no Filho, e não criatura apenas.

Ao recordar a frase de Santo Ireneu “a glória de Deus é o homem vivo e a vida do homem é a visão de Deus”, poderemos concluir que se Deus se preocupa e se ‘perde’ numa atenção única e total pelas suas criaturas, muito mais o fará pelo homem como aquela criatura por excelência com quem quis travar um diálogo, uma aliança, uma relação. Este *Deus-Amor* (cf. 1Jo) quer fazer da humanidade a escolhida por excelência para se tornar participante da vida divina porque o seu único desejo se identifica com este dom vivificante que oferece ao homem para que ele se torne também no mundo dom de Deus. A vida do homem é esta visão de Deus incarnada que se revelou plenamente em Jesus Cristo, no Crucificado como o detentor da vida, como modelo, condição, chave de interpretação desta glória de Deus.

Pelo Crucificado a humanidade é chamada do não ser ao ser (cf. Rom4, 17) na medida em que, se em Cristo o ser e o agir coincidem também verificamos que o Crucificado e a plenitude constituem um ponto de encontro.

A cruz é a árvore da vida que lança à terra a semente que tem de morrer para dar muito fruto, ou seja, encontramos aqui um duplo movimento que não só se identifica como uma acção divina em favor dos homens mas, também é um movimento que faz regressar a humanidade ao próprio Deus. E, n’Ele, ela inaugura-se como nova criação com a inauguração da própria salvação no acto primordial, único e irrepetível de Cristo na cruz.

A plenitude do homem não é alcançada sem a resposta deste, através de uma resposta concreta e que o implica ontologicamente, porque a plenitude identifica-se com a glória e a visão de Deus para com o homem. E o sentido da sua existência deve ser entendido como vida, para a vida e na vida mediante essa mesma glória, esse mesmo olhar, esse único, eterno e paternal amor vivificante que Deus deseja, estabelece e quer viver com o homem.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes Bíblicas

- BÍBLIA SAGRADA. 5ª Edição. Fátima: Difusora Bíblica, 2009.

### Fontes Litúrgicas

- *Missal Romano*: Reformado por decreto do Concílio Ecuménico Vaticano II e promulgado por autoridade de S. S. o Papa Paulo VI. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1992.

### Fontes Magisteriais

- CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO II – *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo, (Gaudium et Spes)*. Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1998.
- CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO II – *Decreto sobre a Actividade Missionária da Igreja, (Ad Gentes)*. Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1998.
- IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Carta Encíclica *Redemptor Hominis*. Braga: Editorial A. O., 1979.
- IGREJA CATÓLICA. Papa, 2005-2013 (Bento XVI) – *Audiência Geral*. Roma (6 de Fevereiro). [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/audiences/2013/documents.8-02-2013-12:55](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2013/documents.8-02-2013-12:55).

### Fontes Patrísticas

- SANCTI IRENAEI – *Contra Haereses: lib. IV*. In PG 7.

### Estudos

- ALFARO, Juan – *De la cuestión del Hombre a la cuestión de Dios*. 4ª edição. Salamanca: Ed. Sígueme, 2002.
- AMBROSIO, Juan - A ‘marca’ da Ressurreição, in *Didaskalia*, 38: 2 (2008).
- AMBROSIO, Juan – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. Lisboa: Paulinas, 2002.
- ARNAU, Ramón – *Tratado General de los Sacramentos*. Madrid: BAC, 1994.
- BOFF, Leonardo – *Paixão de Cristo - Paixão do Mundo*. O fato, as interpretações e o significado ontem e hoje. Petrópolis: Publicações CID, 1977.

- CASTILLO, José Maria – *La Humanización de Dios*. Madrid: Edições Trotta, 2009.
- DíEZ, Felicísimo Martinez – *Crer em Jesus Cristo viver como cristão*. Gráfica de Coimbra 2.
- FERREIRA, J. F. – Cruz, sinal de Contradição. In *A Cruz Sinal da Redenção*. Lisboa: Didaskalia. 1986. Colecção Fundamenta.
- FORTE, Bruno – *Eis o Mistério da Fé*. 2ª edição. Prior Velho: Paulinas, 2012.
- GESCHÉ, Adolphe – *El Hombre*. 2ª edição. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010.
- GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Cristología*. Madrid: BAC, 2001.
- GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Fundamentos de Cristología II*. Madrid: BAC, 2006.
- GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Jesus de Nazaret*. 3ª edição. Madrid: BAC, 1993.
- GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *La entraña del Cristianismo*. 2ª edição. Salamanca: Secretariado Trinitário, 1998, p. 351.
- GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *La Glória del Hombre*. Madrid: BAC, 1985.
- KASPER, Walter – *Jesus, el Cristo*. 2ª edição. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1978.
- KUSS, Otto – *Carta a los Romanos. Cartas a los Corintios. Carta a los Gálatas*. Barcelona: Editorial Herder, 1976.
- MOLTMANN, Jürgen – *El Dios Crucificado*. 3ª edição. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010.
- MOLTMANN, Jürgen – *O Homem mistério a desvendar*. Lisboa: Edições Paulistas, 1976.
- PAGOLA, J. A. – *Jesus uma abordagem histórica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2008.
- RAHNER, Karl – Para la Teología de la Encarnacion. In *Escritos de Teologia*. Madrid: Taurus ediciones, 1964. Tomo IV.
- RATZINGER, Joseph – *Introdução ao Cristianismo*. Cascais: Principia, 2006.
- RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis – *El don de Dios*. 3ª edição. Maliaño: Editorial Presencia, 1991.
- RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis – *El Hombre y su Muerte*. Ediciones Aldecoa, 1971.
- SCHMAUS, M. – La decision Redentora de Dios, in *Teologia Dogmatica*. Madrid: 1959.
- SOUSA, Eudoro de – *Origem Da Poesia e Da Mitologia*. Lisboa: INCM, 2000.
- TORRES QUEIRUGA, Andrés – *Recuperar la creación. Por una religión humanizadora*. Santander: Sal Terrae, 1996.
- TORRES QUEIRUGA, Andrés – *Recuperar la Salvacion*. 2ª edição. Maliaño: Editorial Presencia, 1995.
- VON BALTHASAR, H. U. – El misterio pascual. In *Mysterium Salutis: III: Cristo*. Dir. J. Feiner e M. Lohrer. Madrid: ed. Crisandade, 1971. Tomo II.

## ÍNDICE

SIGLÁRIO .....	4
INTRODUÇÃO .....	5
1 .DA QUESTÃO DO SENTIDO COMO INTERPELAÇÃO TRANSCENDENTAL .....	8
1.1    ENIGMA OU MISTÉRIO?.....	8
1.2    INICIATIVA DIVINA .....	20
1.3    A GLÓRIA DO HOMEM.....	24
2 .MISTÉRIO DE JESUS E O MISTÉRIO DO HOMEM .....	27
2.1    MISTÉRIO DA INCARNAÇÃO .....	28
2.2    MISTÉRIO DO REINO.....	35
2.3    JESUS É O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA (JO14, 6).....	41
3 .O MISTÉRIO DO HOMEM À LUZ DO CRUCIFICADO-RESSUSCITADO .....	45
3.1    O DESAFIO DA CRUZ .....	46
3.2    CRUCIFICADO E O HOMEM.....	51
3.3    O CRUCIFICADO-VIVENTE PLENITUDE DO HOMEM .....	58
CONCLUSÃO .....	64
BIBLIOGRAFIA .....	68
ÍNDICE .....	70